

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
UFMS**

Erika Carla Nogueira da Silva

**DA LEITURA DE MUNDO À LEITURA DA PALAVRA: Memória,
Infâncias e Diversidades**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**Três Lagoas
2021**

Erika Carla Nogueira da Silva

**DA LEITURA DE MUNDO À LEITURA DA PALAVRA: Memória,
Infâncias e Diversidades**

Texto para exame de qualificação à Banca Examinadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Professor Doutor Christian Muleka Mwewa.

**Três Lagoas
2021**

SILVA, Erika Carla Nogueira

DA LEITURA DE MUNDO À LEITURA DA PALAVRA: Memória, Infâncias e
Diversidades Três Lagoas, 2021.

87f.

Orientador: Professor Dr. Christian Muleka Mwewa

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Programa de Pós-Graduação em Educação

Erika Carla Nogueira da Silva

DA LEITURA DE MUNDO À LEITURA DA PALAVRA: Memória, Infâncias e Diversidades

Texto para exame de qualificação à Banca Examinadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Professor Doutor Christian Muleka Mwewa

Banca Examinadora

Prof. Dr. Christian Muleka Mwewa

(Orientador – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Prof. Dra. Caroline Machado

(Examinadora externa - Universidade Federal de Santa Catarina)

Prof. Dr. Wagner Corsino Enedino

(Examinador interno - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Prof. Dr. José Eduardo de O. E. Lanuti

(Examinador interno - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Prof. Dra. Natália C. de Oliveira

(Suplente - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Três Lagoas, 2021.

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado aos futuros pesquisadores dentro dessa perspectiva da mediação literária e aos pequenos leitores.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer todos que fizeram parte dessa conquista, mesmo que em anos atípicos com aulas remotamente em uma situação pandêmica, pude conhecer pessoas maravilhosas das quais sempre farão parte da minha vida. Agradecemos primeiramente a Deus, pelas nossas vidas.

Ao prof. Dr. Chistian Muleka Mwewa por todo ensinamento e orientação em minha pesquisa.

Ao prof. Dr Wagner Corsino Enedino por todo seu apoio, ensinamento e incentivo desde a graduação.

Ao gestor Edson Benazet por acreditar em meu profissional em ministrar a disciplina de Leitura, um grande marco para minha pesquisa.

A minha família, em especial ao meu grande amor, meu filho Victor Henrique Nogueira Boaventura, por me motivar a ser melhor a cada dia.

Ao meu namorado Vinícius Aurelio Romero Vasques por ser meu equilíbrio.

E por todos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

A Literatura produzida para crianças tem a função fundamental de formar o desenvolvimento crítico do leitor, bem como na construção de sua personalidade, além de inserir a criança no universo dos livros, das imagens, dos símbolos e da imaginação; fomentando, assim, a interpretação de mundo. Essa pesquisa propõe-se a discutir a importância da mediação no processo de formação de leitores desde a infância, visto que ser uma dificuldade dentro do corpo docente. Com efeito, a obra *Os bichos que tive: memórias zoológicas* (2004), de Sylvia Orthof, é uma narrativa direcionada para o público infantil. Protagonizada por personagens engraçados (os quais fizeram parte da vida da autora), a obra representa (com considerável traço mnemônico) uma parcela da vida de Orthof. Produzida sob forte influência do gênero dramático, a diegese envolve o pequeno leitor com imagens atrativas e lúdicas. Dessa forma, ancorando-se nos pressupostos epistemológicos de Antonio Candido (1972; 2011) sobre a Literatura e a formação humana, nos estudos de Fanny Abramovich (1997), Nelly Novaes (2000), Lajolo e Zilberman (2017) e de Celso Junior de Ferrarezi (2017) acerca da constituição da Literatura Infantojuvenil, por meio da diversidade e mediação literária esta pesquisa tem como objetivo analisar a configuração das personagens no texto narrativo *Os bichos que tive: memórias zoológicas* (2004), de Sylvia Orthof, sob a ótica das diversidades sociais presentes no processo formativo das personagens, contribuindo para formação de leitores com uma mediação eficaz.

Palavras-chave: Formação. Diversidades sociais. Literatura.

ABSTRACT

Literature produced for children has the fundamental function of forming the critical development of the personality, as well as in the construction of your child, in addition to inserting the child in the universe of books, images, symbols and imagination; thus fostering the interpretation of the world. This training proposal aims to challenge the importance of mediation research in the process of readers since childhood, since being a person within the faculty. In fact, Sylvia Orthof's *The animals I had: zoological memories* (2004) is a narrative aimed at children. Carried out by decorative characters (who were part of life) (with authorship of the mnemonic work) a part of Orthof's life. Produced under the strong influence of the dramatic genre, diese involves the little reader with images and play. Thus, based on the epistemological human studies of Antonio Candido (1972; 2011) on Literature and education, on those of Fanny Abramovich (1997), Nelly Novaes (2000), Lajolo and Zilberman (2017) and Celso Junior de Ferrarezi) research, approach to understanding children's literature (2004) social diversities presented in the formative process of the characters, for the formation of readers with an effective media.

Keywords: Children and Youth. Childhood. Reader

TABELA DE FIGURAS

Figura 1: Vênus de Willendorf.....	18
Figura 2: Obra de René Magritte	20
Figura 3: Os bichos que tive (memórias zoológicas)	29
Figura 4: História da rã.....	30
Figura 5: Sua avó, meu bassê.....	31
Figura 6: Bicho-papão da minha imaginação.....	32
Figura 7: A gata Clementina.....	33

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.....	11
INTRODUÇÃO	13
1 PANORAMA DA ARTE	16
1.1 LITERATURA INFANTOJUVENIL.....	23
1.1.1 Literatura Infantojuvenil aos olhos de Sylvia Orthof	26
1.1.2 Como se configura cada personagem	28
2 LITERATURA E A MEDIAÇÃO DE LEITURA	34
2.1 LITERATURA INFANTOJUVENIL NA ESCOLA	38
2.2 MEDIAÇÃO ENTRE LITERATURA ERUDITA E LITERATURA DE MASSA.....	44
2.3 MEDIAÇÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NO PROCESSO DE INCLUSÃO.....	47
2.4 MEDIAÇÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NA ERA TECNOLÓGICA	49
3 INFÂNCIAS	54
3.1 O CONCEITO DE INFÂNCIA NO SÉCULO XX	55
3.2 CRIANÇA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL.....	57
3.3 METÁFORA DE INFÂNCIA.....	60
4 DIVERSIDADES.....	62
4.1 MEMÓRIA, INFÂNCIAS E DIVERSIDADES	65
4.1.1 Memória: A Importância Das Imagens Na Literatura Infantojuvenil	66
4.2 INTERFACES DO ENSINO DA LITERATURA EM CONSONÂNCIA COM A BNCC COM A DIVERSIDADE	71
4.3.1 A Leitura E As Relações Étnico-Raciais.....	75
4.4 O CAMINHO ÁRDUO DA EDUCAÇÃO PARA A RUPTURA DA ALIENAÇÃO.....	78
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS.....	83

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

A Literatura sempre teve seu papel importante na Educação, tendo Leitura, leitor e autor como um triângulo amoroso do mundo das letras, onde o leitor conhece o autor por meio de suas marcas linguísticas e suas histórias escritas por ele, uma vez que o autor dedica seu tempo, sua imaginação e sua inspiração a alguém que ele não conhece e a leitura passa a ser um passaporte para qualquer lugar do mundo. Com a leitura, é possível um conhecimento maior da escrita da língua em que se lê, aumenta o vocabulário e dependendo da história, o leitor pode viajar o mundo a fora. Mas o hábito de ler tem que ser de berço, motivado pela leitura dos pais para os bebês, tendo sequência nos clássicos contos infantis na primeira infância e mostrando à criança a importância e o prazer de ler, seja um gibi, uma revista, um jornal ou um livro.

Sobre essa perspectiva, a pesquisa trata-se de quatro partes, cujo objetivo está na importância da Educação Literária na Educação Infantojuvenil, que por sua vez, a principal formadora dessas mentes, tendo como ênfase em descobrir os principais valores por meio do livro literário nas diversas fases de desenvolvimento da criança, utilizando uma metodologia qualitativa. Considerando que o pequeno leitor é alguém que está em formação da vida, é fundamental inserir no aprendizado, com a utilização da Literatura em diversos gêneros, a adaptação da cultura dentro de uma sociedade, apresentando histórias e lendas africanas, como também a indígena, com o intuito de mostrar às crianças essas diferenças, assim o contato com os diversos gêneros textuais promove a pluralidade de conhecimentos, além do respeito em diferentes culturas.

Diante desses apontamentos, a minha vontade de pesquisar sobre o assunto surgiu quando iniciei meu trabalho com a leitura na sala de aula, turmas do Ensino Fundamental II ao Ensino Médio na escola Estadual Padre João Tomes, resgatando o prazer de ler nas décadas passadas com as aulas de leitura. Uma escola integral que oferece quatro aulas de leitura para cada série e um espaço amplo e arejado para esse momento, adaptado um espaço, carinhosamente conhecido como “pracinha”, com árvores em volta e bancos dispostos em círculo para que as aulas sejam ainda mais prazerosas.

Algumas atividades temáticas foram praticadas durante o ano letivo de 2018 com os alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio na disciplina de Leitura, com o intuito de promover o hábito de leitura para os variados gêneros e semear novos leitores em uma

geração em que a internet é a sua maior viagem. Com isso, os alunos tiveram acesso ao documento retirado da internet “a carta de Pero Vaz de Caminha” para poder comparar a escrita de antes e a de hoje e a forma que eram enviadas aos seus destinatários. O interesse pela leitura passou a ser contagiante e gradativo, assim, foi elaborada uma premiação para os leitores destaques dentro do bimestre. No primeiro destaque tiveram dois alunos, e os prêmios foram livros para cada um deles. A ideia passou a ser uma grande motivação para eles navegarem no mundo da leitura, e de dois, passaram a ser onze alunos como leitores destaques, foi onde surgiu a necessidade de padrinhos literários.

Um trabalho com a obra *Meu pé de laranja lima*, clássico escrito em 1963 e adaptado para uma nova linguagem, foi desenvolvido pelos alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio junto com a disciplina de Ciências. Foram plantadas e cultivadas sementes de laranja lima, onde os alunos foram os responsáveis por essa produção e acompanharam cada ciclo do processo, para que no final essa semente fosse plantada na escola e uma apresentação de teatro da obra.

Quem não gosta de um incentivo no dia a dia? A cada bimestre, destacavam os leitores do primeiro, segundo e terceiro lugar. Aqueles que mais leram durante dois meses, ganhavam um livro como premiação e eram escolhidos conforme o perfil de leitura de cada aluno. Com um número maior de destaques, surgiu a ideia dos “Dindos Literários”. Uma vez que muitos deles nunca havia ganhado livro de presente, como também aqueles que nunca compraram um livro em toda sua vida. Então, foi feito um convite para as pessoas adotarem um afilhado leitor com apenas vinte e cinco reais. Quando chegavam os livros, eles eram entregues aos seus padrinhos para fazerem uma dedicatória de carinho para seus afilhados e foi organizado um momento especial para entregá-los.

A partir desse momento, os números só aumentaram e o interesse pela leitura passou a ser automático, fazendo com que a escola providenciasse cada vez mais livros novos para eles. Os padrinhos já não recebiam convites, eles quem procuravam para apadrinhar um leitor. E foi assim que despertei-me à Literatura para crianças e semear novos leitores.

INTRODUÇÃO

Por meio da diversidade e mediação literária esta pesquisa tem como objetivo analisar a configuração das personagens no texto narrativo *Os bichos que tive: memórias zoológicas* (2004), de Sylvia Orthof, a fim de compreender o modo de construção diegética da autora, bem como a compreensão de sua literariedade e respeito à diversidade, assim como a importância da mediação literária.

Tendo no interior da Literatura Infantojuvenil a obra Sylvia Orthof, uma diversidade de gêneros, temas e personagens, apresentada de fantasia e humor, e levando em considerações esses aspectos, surgiu o interesse de abordar a Literatura Infantojuvenil e a mediação literária por meio da análise da autobiografia, o livro, *O Bicho que eu tive*, e seus respectivos personagens, assim como as imagens que fazem parte dessa obra, tanto como o estilo, cores e desenhos, atentando na proporção de números de páginas, escritas e imagens presentes, levando em consideração o público leitor, por ser uma obra minuciosamente preparada para esse público.

Em decorrência disso, vale ressaltar que de início, a pesquisa se limitava na análise da obra de Orthof (2004), mas durante todo seu processo, toda teoria que embasa a Literatura Infantojuvenil e a importância da mediação da leitura, essa pesquisa alcançou uma proporção ainda maior, trazendo toda riqueza em seus detalhes para uma boa reflexão enquanto a formação literária ao público infantil e juvenil.

Dado ao caráter eminentemente bibliográfico da pesquisa, destaca-se a importância de leituras, fichamentos, levantamentos de dados teóricos, os quais foram subsídios para reflexões e análises da obra escolhida como fonte para o desenvolvimento da dissertação. Metodologicamente, a investigação insere-se no paradigma qualitativo e, para o trabalho com o corpus, deverá nortear-se pelos seguintes procedimentos: levantamento de dados biográficos da autora, bem como sua produção, enfatizando o narrativo e dramático. Levantamento, na obra *Os bichos que tive: memórias zoológicas* (2004), dos enunciados que constituem diferentes tipos de discursos que remetem à infância e à memória autoral; seleção dos discursos mais significativos; verificação da ilustração como elemento constituinte de efeitos de sentido na leitura das crianças.

Esta pesquisa justifica-se pelo fato de que formação de leitores é de elevada importância para evitar o alfabetismo funcional, que por sua vez, é conceituado por vários

autores como pessoas capacitadas a decodificar minimamente as letras, geralmente frases, textos curtos e os números, mas não desenvolvem habilidade de interpretação de textos e assim sendo, apontando uma de suas maiores dificuldades com uma boa interpretação de um pequeno texto, resultado pela forma de como se trabalha a leitura em nossas escolas, contribuindo muitas vezes para que o aluno não tenha interesse e nem prazer pelos livros, como também a falta de percepção de quando a Literatura Infantojuvenil é vista como transmissor de valores, hábitos e comportamentos socialmente úteis, em caráter utilitário, sendo esse um problema apresentado ao decorrer do texto.

Visto isso, a presente pesquisa apresenta uma das obras de Sylvia Orthof com um tipo particular de representação literária da infância como a autobiografia mediada por uma linguagem voltada para o público infantojuvenil por meio de memórias e diversidades ao longo de sua vivência com seus animais de estimação, sendo um ponto motivador pela escolha dessa obra literária.

Visando melhor interação e aproximação mais adequada do texto literário, bem como a possibilidade de uma abordagem técnica e metodológica mais consistente, as atividades de pesquisas estão fundamentadas com base nos pressupostos que amparam o conceito de Arte, Literatura, infâncias, memórias e diversidades. Um ponto de destaque será a configuração das personagens, assim como a análise de seus respectivos nomes. Com efeito, isso consistirá na leitura, análise, discussão e interpretação da obra; fundamentando-se no aporte teórico sustentado por referencial que discorre (teórica e criticamente) acerca da Literatura Infantojuvenil, assim como abordar a história da Arte desde o tempo primitivo, destacando seu conceito e a importância dela no processo educativo, conceituando e explicitando a nomenclatura da Literatura voltada para o público infantil e juvenil, destacando a importância do reconhecimento e da função do professor mediador dentro da Literatura e as práticas pedagógicas.

É a partir dessas colocações que essa pesquisa se desenvolve, ou seja, percebendo e destacando a relevância da Literatura na formação humana; possibilitando-nos, de forma sucinta, reconhecer a arte como elemento significativo na constituição da construção social.

Assim, o presente trabalho está organizado em quatro seções. A primeira, intitulada “Panorama da Arte”, apresenta uma explanação sobre uma das mais relevantes discussões nos últimos tempos, o conceito de Arte, o qual sempre fez parte da história da humanidade, como também a Literatura e a Literatura Infantojuvenil, e finalizando com a “Literatura Infantojuvenil aos olhos de Sylvia Orthof” em uma de suas obras com a presença de animais voltado para o público infantojuvenil, dedicada à análise dos animais de estimação

representados na obra “Bichos que tive: memória zoológica da autora Sylvia Orthof

A segunda seção ressalta a função essencial do mediador para que se tenha um bom desenvolvimento nessa formação e como deve ser a mediação dentro da escola. A terceira seção da obra é nomeada como “Diversidades”, cujo tópico traz sobre a construção da identidade da criança e o respeito às diversidades, buscando apresentar a necessidade de uma educação multicultural e intercultural, ressaltando a importância da ruptura da alienação, trazendo como trabalhar esses temas dentro das obras para crianças em consonância com os currículos presentes, assim como a importância das imagens ao leitor-mirim com todos os detalhes de cores, paginação, rabiscos e o trabalho do ilustrador .

A última seção apresenta o conceito de infâncias desde o século XX, e destacar a criança como construção social, como também sobre memórias observando na escrita de Sylvia Orthof uma representação de suas memórias. No conjunto, trata-se de temas relacionados à Literatura Infantojuvenil buscando compreender a importância da mediação literária com crianças e jovens.

1 PANORAMA DA ARTE

É preciso pontuar de início o conceito de Arte, justamente porque a Literatura é Arte e as vezes conceituá-las leva a um equivoco muito grande pela complexidade, sendo necessário mostrar todos os panoramas, desde os desenhos da caverna, por ser uma arte propiciatória, como também as esculturas até chegar no advento da escrita, que por sua vez é a matéria prima da Literatura.

Desde os tempos primitivos, a arte era usada para expressar crenças, valores e costumes por meio de desenhos em cavernas, a chamada Arte Rupestre, sendo assim, convém destacar que arte é cultura e se molda de acordo com a época em que se vive, além de utilizar a liberdade para expressar conceitos, pensamentos, desempenhando o papel social do próprio artista. Com efeito, é vista como uma necessidade coletiva e, segundo Ernest Ficher (1987), o sentido de expressar uma representação social, onde representa o meio em que se vive, e mesmo ela estando inserida no currículo escolar, não se tem o devido valor, o reconhecimento total de sua importância.

Deste modo, à princípio, a “A palavra arte vem do latim “ars” e corresponde ao termo grego techne, técnica” (CHAUÍ, 2004, p.9), que significa, em sentido amplo, toda espécie de atividade humana submetida as regras.

Em conformidade com as pesquisas desenvolvidas por João Francisco Duarte Júnior (2003), a arte nas escolas obtinha outro sentido, além do seu real papel. Mesmo se fazendo presente nos currículos, a arte era didaticamente apresentada como um momento de diversão e de fazer desenhos, além de ser direcionada como forma de relaxamento das tensões ocasionadas por outras disciplinas “conceituadas” e classificadas como base.

Importa destacar que, em solo brasileiro, o ensino de Arte foi, historicamente, menosprezado. Com efeito, os sentidos e emoções sempre foram preteridos durante o processo de ensino-aprendizagem. Notadamente, Duarte Júnior (2003) assevera que a escola se tornou espaço quase que exclusivo para fomentar o pensamento científico, a construção do ser pensante e as resoluções de problemas/situações. Embora haja, de certo modo, um consenso de que a disciplina Arte seja relevante, ainda se faz necessário uma transformação, tanto em seu currículo, quanto na compreensão da sua verve pelo corpo docente, uma vez que o profissional de Educação ligado à Arte ainda é estigmatizado como “decorador” das festas e temas comemorativos.

Duarte Júnior (2003), considera que essas transformações devem ser no direcionamento do Ensino da própria Arte. Para o pesquisador, desde as últimas décadas do século XX, há um inquietante desafio que procura desconstruir este conceito equivocado para dar lugar ao seu real valor dentro da Educação e sociedade. Dessa forma, a palavra “expressão” seria o elemento catalisador para a melhor compreensão do conceito de Arte e, por extensão, de seu valor. Ocorre, todavia, que a Arte na Educação (vista como expressão) é significativamente um instrumento para identificar a cultura, a religião e os costumes de um determinado povo em um determinado contexto.

Essas premissas elencadas por Duarte Júnior (2003, p.65) apontam que “[...] a arte é uma maneira de despertar o indivíduo para que este dê maior atenção ao seu próprio processo de sentir”. Nessa perspectiva, cumpre destacar que a arte está presente na sociedade e faz parte do desenvolvimento dos cidadãos; sobretudo no campo profissional, já que “[...] arte é um conjunto de regras para dirigir uma atividade humana qualquer” (CHAUÍ, 2004, p. 10). Nesse segmento, as manifestações artísticas corroboram para que a criança tenha uma nova compreensão de mundo. A arte ensina que é possível transformar, continuamente, a existência de aprendizagem limitada, deixando escapar a dimensão do sonho, da força comunicativa, dos objetos à nossa volta, das criações musicais, da plenitude instigante da poesia, das cores e formas, das expressões e luminosidade que buscam o sentido da vida.

Podemos refletir que a arte é um processo educativo, pois há grande riqueza de conhecimentos culturais diversificados, de integração social, uma vez que uma obra de arte (pintura, escultura, música, literatura, teatro, cinema etc) só se materializa quando entra em contato com as pessoas; para que então se complete o ato criador.

O estudo enfatiza que entender a arte é primordialmente entender sua finalidade, uma vez que ela sempre foi usada para representar o seu meio social, sendo um meio de ilustrar a vida, ou seja, uma representação da realidade, sempre se fazendo presente na vida do homem, como encontrado no contexto paleolítico nas paredes de suas cavernas. Representações que nos permite conhecer a vida nesse período histórico, assim, desde os tempos primitivos, a arte era usada para expressar crenças, valores e costumes por meio de desenhos em cavernas, a chamada Arte Rupestre, sendo uma forma de arte de expressão daquele século atrás que contava um pouco do momento histórico, pois o homem já se expressava com as mãos, entretanto, Gombrich afirma que para conseguir entender seu real significado, é necessário conhecer a sua finalidade no passado, “é improvável, do mesmo modo, que compreendamos a arte do passado se desconhecemos

os propósitos a que tinha de servir” (GOMBRICH, 1994, p.39).

Pode-se dizer que, para os primitivos, as imagens feitas nas cavernas eram para protegê-los quanto outros poderes como dos espíritos, que para eles eram tão reais quanto a natureza. Assim, Proença (2001), chama atenção para outro aspecto conhecido como a arte no período paleolítico superior, que foi a criação das esculturas, e uma delas, muito conhecida é a Vênus de Willendorf, uma escultura de onze centímetros, encontrada na Áustria que fica no museu de História Natural, em Viena, uma criação que envolve questões artísticas e místicas como vários períodos da história da Arte, também é preciso navegar no tempo para poder compreender seu contexto, e somente por meio da história da Arte é possível aprender sobre o ser humano por meio da evolução das suas diversas expressões e manifestações artísticas.

Ao compreender que a arte é utilizada para dialogar com o meio em que o homem vive, ao olhar para essa escultura, é necessário ter em mente que nessa fase a humanidade vivia uma expectativa de até 30 anos, por isso a procriação era algo muito valorizada, onde se explica as partes do corpo feminino em vênus, (Figura 1) seios fartos e cadeira larga para facilitar o parto, “predominam as figuras femininas, com a cabeça surgindo como prolongamento do pescoço, seios volumosos, ventre saltado e grandes nádegas.” (PROENÇA, 2001, p. 12), pois, se ao olhar hoje sem mergulhar no contexto em que ela foi esculpida, pode-se levar ao entendimento equivocado, talvez até entender como uma ato machista, pois ela não tem rosto, tendo apenas suas partes íntimas destacadas

Figura 1: Vênus de Willendorf



Fonte: <https://www.infoescola.com/arqueologia/venus-de-willendorf/>

Toda essa arte, tanto por meio de traços feitos na caverna, como a escultura da mulher, sendo as primeiras manifestações artísticas, tinham a finalidade da magia propiciatória, e para corroborar com esse entendimento, Proença (2001, p.11) destaca que, “os desenhos não eram representações de seres, mas os próprios seres.”, que é uma explicação mais aceita para compreender essas manifestações artísticas feitas pelo homem do paleolítico, onde acreditava que existia uma relação direta da realidade com a imagem, pois assim, estando em poder da escultura, mais mulheres teriam filhos.

Evidentemente, é impossível ter a compreensão de como a arte começou sem buscar entender o porquê eles tinham essas imagens como algo para ser usado como poder e não um mero desenho para contemplar ou decorar, visto que a arte não era artigo de luxo, algo decorativo ou uma contemplação estética, e sim representação de suas crenças, costumes, considerando que ela vai além da beleza, é a representação do que o artista vive, conforme afirma Gombrich “É impossível entender esses estranhos começos se não procurarmos penetrar na mente dos primitivos e descobrir qual é o gênero de experiência que o faz pensar em imagens como algo poderoso para ser usado e não como algo bonito para contemplar.” (1994, p.40).

Contudo, com seu conceito amplo e diversificado, a arte amplia o desenvolvimento da interpretação, e ao interpretar, aumenta a capacidade perceptiva, podendo alcançar qualquer ponto da vida de uma pessoa, e pensando sobre a cultura, se torna imprescindível enfatizar que não se conhece um país sem conhecer sua história e sua arte.

Em todos os tempos e em todas as culturas, o ser humano produziu arte, mas conceituá-la não é algo muito claro e fácil de se fazer, como já vimos, é preciso entender que ela é uma representação da realidade, assim como a pintura do artista René Magritt, (Figura 2), um dos principais representantes do movimento surrealismo, que em uma de suas obras causou polêmica com um desenho de um cachimbo e embaixo, escrito a mão: “isto não é um cachimbo”, essa ideia do autor é de representar o real e não ser a própria realidade, ou seja, um cachimbo desenhado não é o cachimbo em si, “é bem evidente que o desenho representando um cachimbo não é, ele próprio, um cachimbo” (PINTO, 2018, p.184).

Figura 2: Obra de René Magritte



Fonte: <http://www.pedagogaandreaeduca.com.br/2012/04/arte-leitura-de-obra-rene-magritte.html>

A Arte é um viés sócio-educativo, e para compreender a relação do ser humano com o meio em que vive, se faz necessária para reconhecer seus valores, crenças e reconhecer que ela faz parte do patrimônio cultural da humanidade, despertando a capacidade de reflexão, criticidade e criatividade do aluno. Nesse sentido, a Arte tem finalidade de contribuir na formação intelectual do educando, "...contribuindo para a construção de um olhar crítico no exercício de sua cidadania (BUORO, 2000, p.16), com a importância que ela seja valorizada como disciplina no âmbito escolar. Porém, segundo o autor, é uma disciplina ainda muito subestimada no sistema educacional, é preciso entender que estudar a História da Arte significa entender e refletir sobre o estudo de objetos artísticos, buscando a arte na relação do ser humano com o mundo, além de pensar e analisar os momentos culturais, criando dessa forma conhecimentos significativos sobre a humanidade.

Mas, o seu papel na escola, está sendo compreendido de forma que algumas de suas práticas pedagógicas estão levando a Arte a ser passível de ser excluída do currículo das escolas, Buoro (2000) prossegue com o pensamento visto que o ensino da Arte é considerado como segundo plano para os pais, não tão importante quanto a alfabetização das crianças, talvez por não entender sua finalidade. "[...] também os pais colocam o trabalho de artes plásticas na escola em segundo plano, pois se sentem ansiosos com a alfabetização dos filhos e não sabem muito bem a finalidade das aulas de Artes". (BUORO, 2000 p.36).

Para o autor, no que concerne o papel da Arte na escola, é de suma importância para que toda comunidade entenda o seu valor real e valorize esse ensino como as demais disciplinas que contemplam o currículo escolar, e reconhecer o valor da Arte é construir uma história desde a Educação Infantil, haja vista que ela sempre esteve presente na vida do homem com seu trabalho, com sua produção de ferramentas, e deixá-la como secundária, fere a dignidade humana e toda sua história.

Assim, não é difícil ponderar sobre a força de uma das mais vigorosas formas de

expressão artística da humanidade: a Literatura. Com efeito, a arte literária é uma manifestação artística em que se têm como matéria-prima a palavra. Entretanto, é necessário atentar para o fato de que não basta fazer uso da palavra para produzir Literatura. A função poética da linguagem ocorre quando a intenção de seu emissor está voltada para a própria mensagem, quer na seleção e combinação das palavras, quer na estrutura da mensagem, com palavras carregadas de significado. Nesse segmento, cumpre destacar que:

A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social (COUTINHO, 1979, p. 89).

Seguindo esse entendimento, quando falamos no ensino da Arte, faz compreender a história como uma teia de aranha, ligada ao passado e ao mesmo tempo refletir o futuro, e assim como a pintura, a escultura, o desenho e o cinema possuem expressões artísticas, a Literatura usa de sua matéria prima que é a palavra, buscar também a expressão, sendo capaz de promover sentimentos, como também história, social, elemento cultural e a representação de um povo.

Em conformidade com Coelho, a linguagem surge a partir da necessidade de ser compreendida por meio da expressão e a comunicação, e para afirmar essa teoria, conscientemente ou não, a verdade é que todo discurso (literário ou pragmático) visa comunicar-se com alguém “o homem marcava sua presença no mundo por meio de comunicação em gravuras, forma de registrar sua mensagem e perdurar no tempo, podendo ser considerada uma escrita rudimentar. (COELHO, 2000, p. 65).

Dessa forma, a palavra é a matéria literária, sendo a arte por transformar a linguagem, buscando a sua expressão, ou seja, a Literatura é a arte das palavras, e a arte literária é o retrato de um tempo social, é representação de um povo, haja vista que há um universo inteiro por trás das palavras, elas têm o poder de despertar nossa imaginação, nos levar às descobertas pelo encantamento na riqueza da linguagem e, também, muitas vezes, elas possibilitam uma reflexão sobre nós mesmos, sendo responsáveis pela formação do senso crítico e a defesa de nossos direitos, conforme afirma Antônio Candido “[...] a Literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre” (1980, p. 28).

E nessa vertente, Antonio Cândido discorre em seu texto *Direito à Literatura* a

importância e a luta da necessidade da Literatura como direito básico para a construção de percepção do ser humano ao mundo, ressaltando do seu papel na sociedade, uma vez que, como a Literatura é uma linguagem que se preocupa com a Arte, sendo uma linguagem artística, envolve o fazer e seu material, assim entende-se melhor uma de suas funções que é humanizar e a fantasia, função formadora, que faz refletir sobre o homem, o mundo, os problemas da sociedade em que vive, ela então ampara sobre essas questões, colocando em outros lugares, em outros tempos, outras pessoas, a multiplicidade da vida.

Nesse âmbito, há a convergência de dois vetores de alta relevância nesta pesquisa: a função que permeia a obra literária e a necessidade do ser humano em consumir ficcionalidade, pois:

[...] a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas. A fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos etc. Eis porque surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura (CANDIDO, 1972, p. 807).

Lourival Holanda (2004), reconhece também que a Literatura é uma linguagem que leva o indivíduo a refletir, se reconhecer individual ou coletivamente, há uma necessidade social da Literatura com um papel primordial na Educação, sua formação. Mas, assim como a Arte, a Literatura também está em segundo plano no currículo escolar, sem conseguir alcançar tudo o que a ela propicia ao homem, e pensando nisso, ela não pode ser entendida como apenas o prazer estético e nem mesmo o que se conceitua como entretenimento, com as mais claras palavras de Coelho (2000) que afirma que a Literatura se caracteriza para além do prazer estético, ela transmite conhecimento e criticidade ao leitor, por isso é importante o acesso a ela desde a infância, faz parte da formação de uma criança, pois ela não começa a ler, ela descobre os símbolos, desenhos, ela cria, ela repete.

Assim, em consonância com a autora, em relação a formação, pode-se afirmar que a Literatura é a mais importante das artes, a inserção dela na Literatura é relevante para seu desenvolvimento.

“Em relação a essa formação, pode-se afirmar que a Literatura é a mais importante das artes, pois sua matéria prima é a palavra, o pensamento, as ideias, a imaginação), exatamente aquilo que se distingue ou define a especificidade do humano. Além disso, sua eficácia como instrumento de formação do ser está diretamente ligada a uma das atividades básicas do indivíduo em sociedade: a leitura.” (COELHO, 2000, p.10)

O crítico Antonio Candido (2011), em *O direito à Literatura*, discorre acerca da relevância e necessidade da Literatura como direito básico para a construção de percepção do ser humano ao mundo; ressaltando também o seu papel na sociedade. Para fornecer a compreensão de como esses elementos podem estar relacionados, o crítico pondera que o direito à Literatura é universal. Para Candido (1972), a Literatura vem suprir a necessidade de fabulação em qualquer tipo de sociedade.

Considerando que a Literatura, de caráter ficcional, caracteriza-se por possuir linguagem artisticamente elaborada, uma de suas funções (por mais redundante que possa ser) é “humanizar o ser humano”. Para tal empreitada, a Literatura possui, em sua verve, alto grau de fantasia que potencializa a sua função formadora; impulsionando a reflexão sobre o homem, o mundo e os problemas da sociedade. A Literatura procura suscitar sobre essas questões que à primeira vista parecem basilares, colocando o leitor em contato com outros lugares, outros tempos, outras pessoas, trazendo à baila a multiplicidade da vida. Desse modo, refletindo sobre a formação do leitor literário, o ideal seria que a criança tenha contato com a Literatura, descobrindo símbolos, desenhos, criando e recriando sentidos, com efeito, a inserção da arte da palavra por meio da Literatura Infantojuvenil é relevante para o desenvolvimento da criança.

1.1 LITERATURA INFANTOJUVENIL

Adentrando na Literatura para um público específico, entende-se que as narrativas sempre estiveram presentes na vida do homem, como as histórias de uma geração passada para gerações futuras, mas era com a tradição oral. Porém, com o advento da escrita, potencializou muito mais a contação de história, visto que a manutenção de um povo é pela história contada por ele para determinar comportamentos de povos, até que um determinado momento surge a Literatura Infantil, segundo Zilberman (2003), ela chega com um público bem definido, uma linguagem própria, uma intencionalidade de escrita para um povo bem definido, mas houve um processo até chegar no texto para criança, visto que ela evolui até hoje, uma vez que readaptamos e concedemos a concepção de infâncias.

E vindo de suas relações genéticas com a Literatura popular, o primeiro caso da Literatura Infantojuvenil foi “a redação escrita das tradições orais” (MEIRELES, 2015, p.52), passou a ser importante no final dos anos 70 reconhecer a necessidade de uma formação das mentes infantis a partir das propostas de reformas na Educação, uma grande importância na sociedade e na formação de criticidade e consciência de mundo nessas crianças. Zilbermam (2003), então, relata a parceria nesse público infantil, quanto os

primeiros escritores, no séc XVII, na França, Charles Perrault que é considerado o pai da Literatura Infantojuvenil, escritor de Cinderela, Gata Burralheira e Chapeuzinho Vermelho, ele transformou as histórias que ouvia na corte em obras literárias, assim nascia o conto de fadas; as fábulas, como a formiga e a cigarra, nós temos Jean de La Fontaine, e logo depois no séc XIX, na Alemanha, temos os irmãos Grimm. “contudo, pelas razões assinaladas, a fantasia é componente indispensável do texto dirigido à infância”. (2003, p.49)

A emergência da modernidade, processo que se estende do século XVI ao XVIII, deu origem a novos gêneros, ampliando o número de formas narrativas (o conto, a novela, o romance constituindo tipos básicos), e definindo-os por distintos critérios: ora por seus consumidores (Literatura infantil e juvenil, Literatura de massa), ora por seus temas (Literatura policial, Literatura fantásticas), ora pelas formas de relatar (memórias, autobiografia). (LAOJOLO; ZILBERMAN, 2017, p.27)

Nesse processo, segundo Zilberman (2003), houve a nova concepção de família, sendo que, até a idade moderna se tinha a família clã, uma instância maior, depois se tem um núcleo familiar pequeno, onde nesse núcleo existe a necessidade de afeto e de privacidade, passando a se preocupar com os seus, pois essa nova concepção, tem a criança como não tinha ainda pensado, “ Da dissolução desta hierarquia nasceu e difundiu-se um conceito de estrutura unifamiliar privada, desvinculada de compromissos mais estreito com o grupo social e dedicada à preservação dos filhos e do afeto interno, bem como de sua intimidade.” (2003, p. 16).

Para tanto, segundo Lemes (2014), foi a partir desse período que começaram a aparecer as primeiras obras literárias direcionadas a um público definido, às crianças, se esvairando da tradicional ensino pedagógico, com objetivo literário em levar a esse público a criticidade no ato reflexivo da leitura, onde Monteiro Lobato foi o pioneiro nesse viés e logo após surgem outros supramentes reconhecidos na Literatura Infantojuvenil no Brasil.

Lobato apresenta novas idéias e formas para a literatura infantil, rompendo com as questões “estereotipadas” que faziam parte da literatura no século anterior, pois tinha uma preocupação com os livros escritos para as crianças, em decorrência disso tinha o intuito de “traduzir e adaptar fábulas de Esopo e de La Fontaine em linguagem acessível aos pequenos brasileiros”. (LEITE, 2020, p.43)

Nesse contexto, a expressão “Literatura Infantil” é utilizada para designar os textos literários para um grupo específico, como dito anteriormete, as crianças, enquanto infantojuvenil, designa um tipo de escrita voltada para um público de faixa etária variável entre quatro e dezessete anos de idade, sendo o ponto inicial para o mundo da leitura. Desse modo, é um segmento de grande aceitação popular, inclusive entre público de outras faixas etárias.

No que tange à diferença entre infantil e juvenil, temos em vista que a Literatura Infantil é marcada por algumas particularidades, como a existência de um íntimo diálogo entre as imagens e o texto escrito. Os livros infantis são voltados para crianças que ainda não têm uma familiaridade com a linguagem escrita, por isso o texto verbal é de menor extensão e a imagem vai ajudá-la na compreensão do conteúdo, que é constituído pela junção entre os dois códigos. Na Literatura juvenil a ilustração não desempenha mais um papel de relevo, e o texto escrito adquire mais espaço. Este deve ser mais bem trabalhado e criar teias de sentido que atraiam o leitor com temas voltados para a realidade do adolescente (CRUVINEL 2006, P.01)

Dito isso, o gênero Infantojuvenil é destinado a um determinado público de determinada faixa etária, mas o relevante não é se preocupar se a obra é ou não adequada ao leitor-criança, mas que esse leitor, ao se deparar com a obra literária, faça a escolha do que ler de acordo com sua própria experiência e curiosidade. A função primeira das histórias infantojuvenis é prover o gosto pela beleza da palavra, o deleite de mundos de ficção. Além disso, busca agregar as palavras no mundo mágico da criança; permitindo-lhe não só entendê-las e usá-las, como também desfrutá-las no contexto da imaginação, uma vez que “A Literatura Infantil é, antes de tudo, Literatura; ou melhor, é arte: fenômeno e criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização” (COELHO, 2000, p.27)

Dessa forma, destaca-se que o pequeno leitor é alguém que está em formação da vida e da cultura dentro de uma sociedade, ou seja, crianças aprendizes responsáveis para dar continuidade à vida. Já a Literatura Infantojuvenil é a principal formadora dessas mentes, conceituando-se como arte; responsável pela formação integral da criança, além de trazer inquietações, posto que ainda é um processo de evolução da leitura, de graduação, do simples ao complexo, “[...] com prazer e diversão modificando a consciência de mundo de seu leitor” (COELHO, 2000, p.46), defendendo a ideologia que é por esse viés que a criança tem sua formação e amadurecimento interior com a Literatura.

Com efeito, a Literatura Infantojuvenil tem a função fundamental de formar o desenvolvimento crítico do jovem leitor, bem como na construção de sua personalidade, além de inserir a criança no universo dos livros, das imagens, dos símbolos e da imaginação; fomentando, assim, a interpretação de mundo.

Nessa mesma perspectiva teórica, Coelho (2000), vem corroborar sobre essa reflexão a respeito da Literatura Infantojuvenil, a autora coloca que esse tipo de Literatura se diferencia das que se destinam ao adulto pelo seu público, o leitor: a criança “as diferenças que singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor” (COELHO, 2000, p. 29), sendo a responsável pela semeadura de novos valores referente

aos valores tradicionais, onde as crianças eram consideradas como adulto em miniatura, ressalta também que a Literatura Infantojuvenil tem uma grande responsabilidade na sociedade, ela tem a fundamental tarefa em servir como agente de formação com os valores novos, diferentes dos valores tradicionais que tínhamos na Literatura de ontem, aquela consolidada pela sociedade romântica no século XIX.

A Literatura Infantil: abertura para a formação de uma nova mentalidade. Seguindo a ordem de ideias acima expostas, e defendendo a Literatura Infantil como agente formador, por excelência, chega-se a conclusão de que o professor precisa estar sintonizado com as transformações do momento presente e reorganizar seu próprio conhecimento ou consciência de mundo. (COELHO, 2000,p.18)

O que diferencia de fato a Literatura de ontem e de hoje, apontado pela Coelho(2000), está no conflito entre o tradicional e o novo, tanto quanto o espírito individualista que era, e o solidário que hoje acontece, com a obediência absoluta à autoridade e hoje os questionamentos dessa autoridade, a moral dogmática enquanto se tem a moral da responsabilidade ética, como também a sociedade sexófoba e a sexófila atualmente, a reverência pelo passado e a redescoberta dele, o racismo e o antirracismo, a criança como adulto em miniatura e a criança como ser em formação “cujo potencial deve-se desenvolver em liberdade, mas orientado no sentido de alcançar total plenitude em sua realização”. (COELHO, 2000,p. 27).

1.1.1 Literatura Infantojuvenil aos olhos de Sylvia Orthof

Quando se fala de Literatura Infantojuvenil, podemos apontar Sylvia Orthof, uma escritora que traz em sua obra “Bichos que tive”, um gênero autobiográfico e a representação de sua infância na Literatura, assim, se tornando o próprio objeto em que escreve, construindo sua identidade, sendo o narrador e o próprio protagonista de sua obra, se personalizando em um trabalho de memória de sua infância mediada por uma linguagem que busca aproximação com o mundo jovem e infantil por meio dos personagens que fizeram parte de sua vida, uma recriação do mundo em linguagem, uma representação de sua infância.

Por ser uma narrativa direcionada para o público infantojuvenil, Os bichos que tive: memórias zoológicas (2004), de Sylvia Orthof, foi a obra escolhida para essa pesquisa, sendo protagonizada por personagens engraçados (os quais fizeram parte da vida da autora), a obra representa (com considerável traço mnemônico) uma parcela da vida de Orthof. Produzida sob forte influência do gênero dramático, a diegese envolve o pequeno

leitor com imagens atrativas e lúdicas.

Nascida no dia 03 de setembro de 1932, carioca e filha única de judeus, mãe de três filhos, o do meio se tornou seu ilustrador, viúva aos 40 anos, aos 63 anos publicou um rico e extenso depoimento em sua obra “Livro aberto: confissões de uma inventadeira de escrita e de palco”, “[...] dizem que sou escritora. Eu acho que sou inventadeira de fantasiosas doidices.” (Orthof, 2010, p.3), conhecida entre os grandes autores da Literatura Infantojuvenil, Sylvia traz um pouco de sua trajetória como escritora, assim como sua escrita da obra que será aqui analisada, Os bichos que tive, em que a autora não narra todos os acontecimentos de forma certinha, sempre trazendo o bom humor na Literatura brasileira e diversidades em suas obras, principalmente narrando seu nascimento e com os títulos de cada capítulo.

“Eu era o umbigo do mundo ...vim falar de um mistério: daqui a dois meses, no dia 3 de setembro de 1932, ao anoitecer, lá pelas 18:30 horas, você vai viajar por um canal e, depois de algum sofrimento, você verá uma luz e algumas pessoas, vestidas de branco, esperando a sua chegada...amém. Se escutei aquilo tudo, de verdade, isso não sei. Devo ter duvidado, caso tivesse ouvido.”(Orthof, 2010, p. 2).

Brincando com as palavras e os verbos, a autora diz “criançar a infância” para dizer ao leitor sobre suas memórias no bairro Jardim Botânico, como também traz com muito humor e carinho, sua lembrança do primeiro contato com livro em Português de Monteiro Lobato, que segundo autora, ele criou sua infância, fazendo assimilações de seus personagens com suas brincadeiras de infância com as mangas-personagens “a manga carlotinha tinha um jeito de Emília. A manga-rosa, imponente era a Dona Benta. Tia Nastácia não era manga, porque era preta e tinha que ser jabuticaba.” (Orthof, 2010, p.5).

Aos sete anos ela escrevera seu primeiro livro, uma história sobre uma catedral que tinha perdido a cabeça, a catedral de Petrópolis, mas não durou muito a vida dessa pequena obra, assim contado comicadamente pela autora “aí, mostrei o início da história para uma garota mais velha, minha vizinha - escrever sobre catedral sem cabeça é pecado! Explicou a garota, e me fez rasgar o caderno todo, depois queimar.” (Orthof, 2010 p.10).

Orthof também tem seu nome reconhecido como um dos mais importantes no teatro infantil brasileiro, que teve seu protagonismo como “Julieta” de Shakespeare aos seus quinze anos no Teatro de Paschoal Carlos Magno, quando em uma peça teatral que ela foi assistir junto a sua mãe, surgiu a vontade em ser atriz, quando de repente, já se via estudante de teatro em Paris aos dezoito anos, e do teatro passou à Literatura “foi pelo teatro, pela paixão por paixões, que me envolvi com livros.” (Orthof, 2010 p.15), com grandes inspirações como Ruth Rocha, Fanny Abramovich, Ana Maria Machado e Eliane

Ganem, assim começou a sua carreira de sucesso como escritora.

Em 1956, Sylvia Orthof se casou com Sávio, seu primeiro marido, pai dos seus filhos Claudia, Gê e Pedro, médico e aventureiro, indo residir no Sul da Bahia, em Nova Viçosa. Após ficar viúva, Sylvia navegou na Literatura Infantojuvenil por meio de um barquinho de papel, se casou com Tato, ilustrador assim como seu filho Gê de vários de seus livros, “a viagem de um barquinho tem um rio azul, de algodão, que faz parte do cenário do espetáculo. Por aquele rio vim para a Literatura, num barquinho de papel”, (Orthof, 2010 p. 40), assim ela virou escritora, ganhando seu primeiro concurso de dramaturgia infantil, onde Maria Machado fora jurada; aos 48 anos tivera seu primeiro livro publicado, e terminando seu capítulo sobre suas obras em livro aberto ela traz: “comigo, o teatro se mistura sempre com livro” (Orthof, 2010 p. 43).

Como todas suas grandes obras, Sylvia traz sua vivência com um toque de humor, claro que sempre com um pouco de faz de conta, afinal, nem tudo ela gostava de contar. “Nem tudo merece ser contado. Acho linda a ficção, o faz de conta! Escrever sobre você é complicado! Existem duas verdades: a nossa e a do outro. Ou existem três verdades, hein? A nossa, a do outro e a verdade!?!” (Orthof, 2010.p.48), assim ela deixa aparecer alguns personagens importantes que passara em sua vida, em Bichos que tive, mas infelizmente, o câncer a levou.

No interior da Literatura Infantil brasileira, a larga produção artística de Sylvia Orthof, tão díspare ao comportar uma diversidade de gêneros, temas e personagens, insere-se nessa senda de representação amalgamando fantasia e realidade com humor. No entanto, o humor não distancia o leitor da reflexão frente ao mundo, antes tende a aproximá-lo. Acrescente-se ainda que a Literatura orthofiana ao lidar com preconceitos e estereótipos termina por desconstruí-los por meio do riso ou do encanto que uma dada situação pode proporcionar. (FERREIRA, 2019, p.110)

1.1.2 Como se configura cada personagem

Essa seção visa trazer alguns subsídios que reportam a representatividade dos personagens na obra de Orthof (2004), como o tratamento da questão animal, maiormente, na Literatura. “A palavra personagem é oriunda do termo latino *persona*, ae, nome com que os romanos designavam as máscaras usadas pelos atores gregos em suas representações teatrais” (Coelho, 2000, p.74), para autora, não há uma narrativa sem personagem, além do que, o leitor, tanto criança ou adulto se interessa em saber no que vai acontecer com aquele personagem da história. Há aquele personagem simples que é de extrema facilidade de reconhecimento do leitor e são personagens esteriotipadas como princesas, bruxas, reis, animais encatados, entre outros, no que diz Coelho, é um tipo ou característica de personagem que mais encontramos na Literatura Infantojuvenil.

A representação dos animais não se limita à Literatura infantil ou infanto-juvenil, sobretudo, nos gêneros conto e fábula. Antes, trata-se de uma temática que acompanha o homem desde os tempos mais remotos. Sendo assim, na vasta arca religiosa e cultural humana os animais comparecem desde os primórdios. A partir desse ponto, surgiram em textos variados de diferentes povos que construíram o próprio panteão animal de acordo com a fauna que os cercava e/ou com o imaginário popular. Provavelmente, as primeiras divindades eram zoomórficas. (FERREIRA, 2019, p.107)

Descrevendo como se configura a criação de cada personagem dessa autobiografia de Sylvia Orthof, uma conversa entre texto e imagem, em meio a diversidade de animais e em memórias zoológicas, que com o título e a capa do livro, (Figura 3), já traz algumas características de uma obra destinada ao público infantojuvenil, capaz de prender o pequeno leitor em cada página até descobrir quem seria o último animal de estimação que fez parte da vida da escritora que, segundo Ramos, seus livros já conquistam seus leitores desde a capa “por se expressar de maneira direta, sem elaboração excessiva, os livros dela tendem a captar o leitor de maneira imediata a partir da capa.” (2020, p.67)

Figura 3: Os bichos que tive (memórias zoológicas)



Fonte: Orthof (2004)

De formato pequeno e fino, o livro traz as experiências da autora com seus animais de estimação quando criança, onde no capítulo inicial é possível se divertir em uma história inusitada e engraçada, acompanhada de uma ilustração de Gê Orthof, filho da autora, que ocupa livremente as páginas, visto que, de acordo com Ramos (2020), é a proposta de Sylvia em levar prazer e o lúdico, sem qualquer intenção moralista e didática que objetivam levar ensinamentos às crianças.

A narrativa inicia com uma comparação do seu tempo quando pequena com o tempo

atual “ Minha primeira lembrança de menina mostra uma lpanema com grandes espaços vazios, amendoeiras.” (Orthof, 2004 p. 9), trazendo em suas primeiras páginas uma personagem pra lá de inusitada, a história da rã, (Figura 4), um presente de seu pai quando ele fez uma viagem, “eu tinha uma rã. Foi presente do meu pai. Lembro-me do dia em que ele trouxe a rã, dentro de uma caixa de celuloide, igual às caixas de orquídeas vendidas nos floristas.” (Orthof, 2004, p.9).

Figura 4: História da rã



Fonte: Orthof (2004)

Entre breves textos e pistorescos engraçados, os desenhos do ilustrador sempre estão carregados de cores vibrantes, traços que se aproximam da criação de uma criança com pretensão de aparecer um desenho inacabado, “o livro parece que acabou de sair das mãos de uma criança sem domínio do desenho” (Ramos, 2020, p.70), e sem uma carga de conhecimento com a arte de desenhar, com os mesmos resquícios de uma criança que sai dando formas e cores a sua imaginação, presentes em páginas paralelamente do texto, porém com muito introsamento, reforçando ludicamente o que está sendo verbalizado. “As imagens no livro infantojuvenil são essenciais no processo de comunicação mensagem/leitor, pois atingem direta e plenamente o pensamento intuitivo/sincrético/globalizador que é caracteríticonda infância” (Coelho, 2000, p.217).

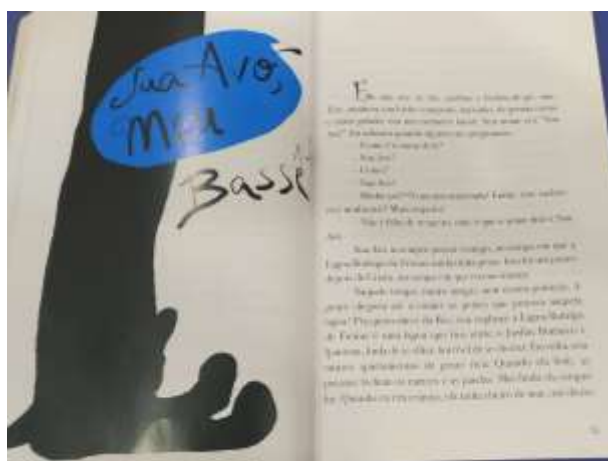
Adentrando no escopo do trabalho, analisando os personagens mais frequentes nas histórias para crianças e também no cotidiano infantil que são os animais, e na Literatura orthofiana não é diferente, a forte presença dos animais em suas obras como bichos pequeninos do céu ou da terra - Tem minhoca no caminho (1995); Mas que bicho lagarticho (1996); Tumbune, o vaga-lume (1989); animais silvestres - Dita-Cula, a coruja (1987); Malandragens de um urubu (2002); No fundo do fundo, lá vai o tatu Raimundo (1984); c) imaginários - Dragonice diz-que-disse (2004), Zoiudo, o monstrinho que bebia colírio (1990); d) de criação - Galo, galo, não me calo! (1992); Foi o ovo?Uma ova! (1990); Fraca,

fracola, galinha d'Angola (1993); Moqueca, a vaca (1999); História avacalhada (1986); Vaca Mimosa e a mosca Zenilda (1982); Maria vai com as outras (1982); e) de estimação – História Vira-lata (1997); Canarinho, cachorrão e a tigela de ração (1994) e Os bichos que tive – memórias zoológicas (2004) que em meio a grande diversidade de animais, eles representam sua infância, amalgamando a realidade e a fantasia, sempre trazendo humor em suas narrativas.

Uma obra escrita em 1983, traz as memórias zoológicas da autora, trazendo oito personagens animais, uma rã, um coelho, um bicho-de-pé, um cachorro bassê, um elefante, um bicho-papão, uma gata e um bicho-carpinteiro. A escrita orthofiana traz ao pequeno leitor diversão, humor e uma leveza em algumas situações que podem proporcionar durante a vida, apresentando lidar com assuntos muitas vezes deixados de lado em textos escritos para o público infantojuvenil, como situações tristes e fatais, muitas vezes sendo tratados como tabús ou algo fora do ambiente escolar.

Em um dos seus animais que fizeram parte de sua infância, Orthof traz o Bobby, um encantador bassê (Figura 5), que tinha uma relação de cuidado com a gata Clementina e seus filhotes, mas um dia houve uma situação triste que precisava de uma solução ou agravaria aquela situação “pois foi numa época assim que, um dia, aconteceu uma coisa triste: Clementina foi atravessar a rua, não olhou com atenção, foi atropelada e morreu, deixando seus filhotes órfãos” (Orthof, 2004 p. 62). Mas alguma coisa deveria ser feito, foi quando Bobby traz alguns filhotes a mais para a ninhada e em seguida, para surpresa de Orthof e sua família, o pequeno amigo do homem trouxe a mãe desses novos gatinhos, mas era uma mãe-leite “Numa entrada triunfal, chegou Bobby, empurrando uma gata imensa, gorda de tanto leite, toda branca, de manchinha preta por cima de uma orelha. Era a mãe dos gatinhos” (Orthof, 2004, p.66), em suas histórias e lembranças, Orthof nunca subestima seu leitor, sempre levando o ato de pensar, refletir sobre diversas situações.

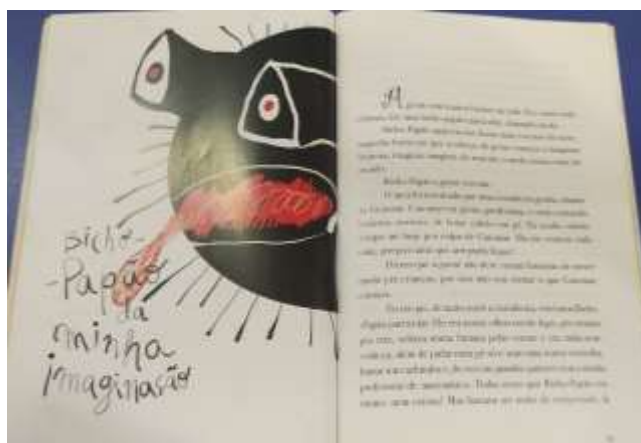
Figura 5: Sua avó, meu bassê



Fonte: Orthof (2004)

Em um passeio na natureza, ela conhecera seu novo bichinho de estimação que depois de ser retirado de seu pé, (Figura 6), fora carinhosamente e estranhamente colocado em uma pequena caixa de fósforo cheia de buraquinhos “a gente pode ter uma porção de bichos queridos, não precisa só ser gato, passarinho, cavalo ou cachorro. Eu tive um bicho de estimação: um bicho-de-pé” (Orthof, 2004,p.25).

Figura 6: Bicho-papão da minha imaginação



Fonte: Orthof (2004)

Vale ressaltar a divertida situação de um coelho que ganhara de seu tio, ainda quando morava no Jardim Botânico, um bichinho que causou muita bagunça em um jantar em família, como já foi citado, o bicho-de-pé, seu terceiro animalzinho que conhecera em a uma viagem de férias, e saiu do seu pé para uma caixinha, transformando em seu animal de estimação, deixando florescer a imaginação dos leitores infantis; o cachorro que parece ser tão comum, mas que tinha um nome super inusitado, o elefante que não cabia em sua casa, mas morava em seu coração desde o dia em que a conheceu no circo, havia também o bicho papão que aparecia em suas noites e a gata do telho e o o último bichinho de estimação de Sylvia fora o bicho-carpinteiro, o bicho mais livre do mundo.

O sétimo episódio traz à baila a gata Clementina (Figura 7). Essa é uma personagem limítrofe e merece maior atenção, pois a despeito de ser considerada de estimação, a mesma possui uma natureza não domesticada: “... era uma gata de telhado, dessas gatas listradas. Vivia namorando, miando e tendo filhotes. Mas era mais para namoradeira do que para mamadeira” (ORTHOF, 2004, p. 61).

Figura 7: A gata Clementina



Fonte: Orthof (2004)

Frequentemente na Literatura, o animal sempre se faz presente, sendo representado em diversas formas e marcando a memória de sua relação com o humano, assim como trazido por Lispector para o mesmo público: *A mulher que matou os peixes* (1999), narrando sobre todos os bichos de estimação que já viveram em sua casa, carregada de compreensão e afeto, direcionado para o público infantojuvenil, que retrata perdas, sendo ela a mulher do título, uma escrita onde Lispector (1999), se assume como narradora de um crime que ela cometeu, mas não de forma intencional, o livro aborda o tema da morte e da tristeza de maneira simples e relevante, intercalando histórias dos animais com finais tristes com os finais alegres ensinando as crianças a lidar com a tristeza.

Com esses personagens, podemos perceber o quanto os animais fazem parte da obra de Orthof, e com toda a importância de levar essas obras, voltadas para o público infantojuvenil, seguimos a escrita direcionando para a mediação literária.

2 LITERATURA E A MEDIAÇÃO DE LEITURA

Inicialmente a pesquisa era apenas analisar a obra de Sylvia Orthof (2004), mas depois acabei explorando o campo da mediação, visto que a leitura é essencial para o aprendizado de qualquer língua, sendo a primeira habilidade a aprender em sala de aula, tanto como leitura lúdica como leitura interpretativa. De acordo com o pesquisador Celso Junior de Ferrarezi (2017), nas décadas de 1970 e 1980, na Educação Básica, ainda existia uma disciplina chamada “Leitura”, havia um tempo exclusivo para que os alunos pudessem ler seus livros e sem a obrigação de preencher um relatório sobre a leitura.

Ferrarezi (2017), aponta que com o passar dos tempos a situação mudou, nas escolas, por meio dos livros didáticos, o texto tornou-se fragmentado, privilegiando leituras meramente analíticas, cansativas e permeadas de análises morfo sintáticas. Diante desse cenário, o aluno não possui contato com o texto ficcional na sua integralidade, apenas lhe reservam o “direito” de ler trechos de uma obra. Com efeito, as aulas de leitura (enquanto fruição) foram excluídas das grades curriculares; prevalecendo, assim, o ensino da gramática normativa dos textos, tal situação corrobora com o baixo índice de formação de leitores proficientes e literários. Um dos entraves para este status quo é justamente a fragmentação de textos ficcionais aliada à falta de espaços para a leitura nas escolas, o que contribui para o alfabetismo funcional. Não obstante, ler é, antes de mais nada, “[...] um ato iminente civilizador. Há algo de disciplinador na leitura. A necessidade de estar atento e dedicar toda a mente ao que se lê é um exercício que alarga os horizontes cognitivos” (FERRAREZI, 2017, p17).

Considerando que a criança não tem autonomia e nem senso crítico ainda para melhor escolher sua leitura, destaca a importância do mediador que desempenha um papel importante e imprescindível, visto que o surgimento da Literatura Infantojuvenil teve a presença do mediador quando as histórias eram contadas oralmente com as narrativas populares, e seu papel é guiar-se por princípios que envolvem diversidades, sensibilidade, valorização da experiência e da contemplação, afetividade e fortalecimento da autoestima para possibilitar ao aluno o desenvolvimento de suas potencialidades, como também fomentar o hábito de leitura, semear novos leitores e, principalmente, ser apaixonado pela leitura.

O que se pode pensar enquanto mediação de leitura desde a primeira infância, encontra-se na definição de Martins (2014) “O termo mediação deriva do Latim *mediatione* que designa originalmente intervenção humana entre duas partes, ação de dividir em dois ou está no meio”, poder pensar nessa ideia, pressupõe o estabelecimento da relação por

meio dos livros àqueles que estão chegando ao mundo cultural, sendo os mediadores aquelas pessoas que faz a relação entre o livro e o leitor, uma mediação coletiva, não apenas os professores, como também toda a família.

A prática da leitura é fundamental para a formação de opiniões e leva o ser humano a uma avaliação da própria vida em sociedade e do mundo em que vive. Algumas críticas divergem-se em alguns pontos, mas todos concordam que o ato de ler ensina o indivíduo a refletir e a ter espírito crítico, ocorrendo a valorização da individualidade e seu crescimento pessoal. Portanto, a família, a escola e os educadores são responsáveis na formação de leitores realmente apaixonados e comprometidos com o conhecimento. (SILVA,2004, p.14)

Em relação a reflexão em torno dessa compreensão, as práticas de mediação de leitura na Educação Infantil, trata-se de um convite ao professor para refletir sobre seu papel na formação de leitores e da criança leitora, levando ao questionamento de qual o papel da Educação Infantil na formação do leitor e o que o profissional precisa apresentar à essas crianças para que elas sejam leitores do mundo e questionar como as crianças pequenas leem.

Coelho (2000), destaca a importância da Educação literária na Educação Infantojuvenil, sendo a principal formadora dessas mentes, com ênfase em descobrir os principais valores por meio do livro literário nas diversas fases de desenvolvimento da criança, partindo de um instrumento de conscientização durante o processo e até mesmo depois de sua formação como leitor. Em relação a essa formação literária, é de suma importância que a criança tenha contato com a Literatura, ocupando um espaço que lhe proporcione prazer como a contação de histórias e a magia; enquanto estão na primeira fase, a fase de bebê, os estímulos sensoriais, as imagens e símbolos, pois além de ser um direito da criança, também há uma influência na aquisição da linguagem, e uma vez que elas têm contato com a Literatura, muito provavelmente, terão gosto pela leitura e por diversos gêneros textuais.

Cabe ressaltar a função essencial do mediador para que se tenha um bom desenvolvimento nessa formação, sendo primeiramente preciso que o mediador entenda que, para Froes (2021), formar leitor é preciso ser leitor, assim como é preciso ser encantado para encantar, “e para formar leitores é preciso ser leitor. É necessário que nós professores tenhamos um relicário de memórias afetivas e intelectuais que nos possibilite reconstruir nosso percurso de encontro com a leitura, mas sempre respeitando os estágios da leitura, o ritmo e o tempo da criança, usar a imaginação e aproveitar o ambiente escolar, pois é nesse espaço que é visto a oportunidade de desenvolver a imaginação.

Em consonância com essa afirmativa “Como mediador da leitura, o professor é o especialista que precisa conhecer, selecionar e indicar livros para a criança, mas é preciso

que ele próprio seja um usuário assíduo da Literatura” (OLIVEIRA,p.52), sendo assim, é o mediador que assume a responsabilidade no processo de leitura daquelas crianças, seu comprometimento tem que ser além de pedagógico, é preciso que ele seja um leitor fiel para ser um bom e coerente mediador, auxiliando a construir motivações para que o ato de ler seja mais do que uma exigência escolar.

Além disso, outra função do mediador, segundo Coelho (2000), é selecionar bons livros e os instrumentos para contação de histórias, ou seja, usar a mediação para obter o melhor desenvolvimento da criança, “para que o convívio do leitor com a Literatura resulte efetivo, nessa aventura espiritual que é a leitura, muitos são os fatores em jogo. Entre os mais importantes está a necessária adequação dos textos às diversas etapas do desenvolvimento infantil/juvenil” (2000, p. 32)

Em corroboração com essa afirmativa, Maciel (2010)

O papel do professor e de outros mediadores da leitura é fundamental desde o momento da seleção dos textos e materiais de leitura — em diferentes suportes (livros, revistas, jornais, recortes, cartas, e-mails, blogs, cartazes, panfletos, bulas etc.) e numa diversidade de gêneros (literários, jornalísticos, científicos, publicitários, epistolares etc.). Qualquer que seja o nível da turma com que se trabalhe, o planejamento da leitura e, dentro dele, a organização do tempo pedagógico para as atividades de leitura são peças-chave para o bom resultado do trabalho do professor. (MACIEL, 2010, p. 34)

O conhecimento de rudimentos básicos de teoria literária faz-se necessário; pois a Literatura é arte da linguagem e como qualquer arte exige uma iniciação. É como um jogo: não pode ser jogado por quem não lhe conheça as regras ou não as combine como os parceiros. Embora, como arte que é, a Literatura não comporta regras fixas imutáveis, há certos conhecimentos de sua matéria que não podem ser ignorados pelo leitor crítico. (COELHO, 2000, p. 40)

Um dos pontos mais interessantes citados aqui, é a importância da fabulação, dos desenhos e da imaginação no processo de formação de leitores na Literatura Infantojuvenil, assim como a menção de cada fase da criança atribuindo seus instrumentos para o melhor desenvolvimento nesse processo, inserindo assim desde cedo, a diversidade de gêneros selecionados e utilizados pelo mediador.

A leitura permite o lazer, mas não aquele que ocasiona repouso e alienação, ela exige a participação do seu leitor, e por isso a mediação dessa leitura é tão importante quanto o ato de ler, mas muitas vezes os professores querem despertar o gosto pela leitura em seus alunos, sem, no entanto, gostar de ler, tendo uma prática de leitura menor que sua exigência com seus alunos, sempre se relacionando mal com a leitura, fazendo com que ele não alcance o objetivo verdadeiro na leitura dos seus alunos. Este docente ainda coloca “[...] em prática uma didática completamente ultrapassada e retrógrada para o

encaminhamento da orientação da leitura”, na esteira dessa colocação, Silva (1991) diz que a falta de leitura do corpo docente do ensino fundamental I, vem de uma deficiência em sua formação, considerando que sua graduação foi preparada a respeito de Pedagogia e Psicologia, mas muito pouco sobre Arte e Leitura, dificultando até mesmo na seleção das obras dos livros infantis para seus alunos, não respeitando a importância do estágio da leitura, sua faixa etária.

[...] em prática uma didática completamente ultrapassada e retrógrada para o encaminhamento da orientação da leitura. Em verdade, a orientação para a leitura, fornecida pelos professores, parece ocorrer através do processo de ensaio-e-erro e, pelo que se constata, com mais erros do que acertos. Como esses professores não estudaram, durante o seu período de formação, elementos de teoria da leitura, os procedimentos pedagógicos geralmente são adotados através de um mecanismo de ‘imitação’, desconsiderando as características de clientela escolares específicas (SILVA, 1991, p. 38).

Essa prática é passada para novas gerações, a leitura é essencial para o aprendizado de qualquer língua, sendo a primeira habilidade a aprender em sala de aula, tanto como leitura lúdica como leitura interpretativa. A importância de envolver o estudante em seu aprendizado, fazer com que ele seja o verdadeiro protagonista de sua história escolar é algo que já muito tempo era mencionado na obra de 2005, de Paulo Freire, em ‘Pedagogia do Oprimido’ uma vez que o autor havia percebido que as pessoas tinham o medo da liberdade, da consciência, temiam pelas consequências por ser conhecedor crítico. A sua defesa é que a partir do momento que o estudante participa de forma ativa e próxima da realidade, ele vê o mundo de forma diferente.

Assim como Fernandes (2016), esses aspectos são discutidos já há um tempo pela Sociologia da Infância com o objetivo de se ter pesquisas com crianças respeitando e vendo ela como ator social, ou o protagonista de sua história, referindo a importância de envolver o estudante em seu aprendizado, uma concepção das crianças como atores sociais articulados que têm muito a dizer sobre o mundo, dar voz a criança. Dado o exposto, não basta colocar o livro para os estudantes e esperar que eles se interessem, o papel do professor é mediar diferentes gêneros textuais, apresentar a leitura e despertar interesse no leitor.

Quando se trabalha com a “leitura deleite” é conquistar o primeiro passo, desenvolver o hábito de leitura no estudante, a consequência disso é abrir as portas para apresentar aos alunos outras obras, como também fazer projetos que eles mesmos desenvolvam e participem de forma ativa como, teatro e releitura de uma obra. Segundo Freire (2005), o educador não impõe o conhecimento, pois o conhecimento é uma

construção coletiva. Com isso, o autor propõe uma Educação problematizadora, onde o verdadeiro protagonista será o próprio aluno.

2.1 LITERATURA INFANTOJUVENIL NA ESCOLA

É importante saber a dimensão de trabalhar a Literatura Infantojuvenil na escola, os textos, contos, fábulas, crônicas, estão cada vez mais amplos, diversos e significativos. Uma formação plena e uma fonte inesgotável de conhecimento, traz sentimentos, promovendo relações e fomenta a imaginação, ao mesmo tempo ela gera aprendizado “seja pelos contos de fadas, pela reapropriação de mitos, fábulas e lendas folclóricas, ou pelo relato de aventuras, o leitor reconhece o contorno no qual está inserido e com o qual compartilha lucros e perdas (ZILBERBAM 2003, p. 27).

A Literatura Infantojuvenil é um dos recursos indispensáveis ao promover uma aprendizagem lúdica e prazerosa, por isso o professor tem que saber o valor da Literatura, reconhecer que ela tem um valor singular, que sintetiza a realidade, falar do mundo de forma de ficção no processo da imaginação. “Como procede a Literatura? Ela sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente” (ZILBERMAM 2003, p. 25), o docente precisa despertar o gosto pela leitura em seu aluno, pois quando ela ouve uma história ou quando lê, ela reaplica no real.

Evidenciando a importância da Literatura infantojuvenil na escola, Zilberman (2003), coloca que os primeiros livros voltados para crianças foram produzidos na idade moderna, sendo seus textos escritos por pedagogos e professores, pois antes não existia a “infância” era um espaço separado do mundo adulto, como visto antes, a Literatura Infantojuvenil surge quando decorre da ascensão da família burguesa, nasce o conceito de uma nova estrutura familiar e a escola assume um papel de dupla responsabilidade, em preparar a criança à vida adulta, e ao mesmo tempo, o de protegê-la contra as agressões do mundo, muitas vezes até tem que assumir o papel da família, que é o de educar.

Com isso, a criança começa a ser vista de forma especial, àquela que está em processo de formação, surge então, a valorização da infância, “Literatura Infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão”. (ZILBERMAN, 2003, p. 15). Outro ponto, as crianças eram vistas como adultos mirins, os livros infantis eram adaptações de textos escritos para adultos, com entendimentos além do alcance da criança, assim é destacado a importância da seleção dos textos às crianças.

Para corroborar com essa ideia, Coelho (2000), aponta que para ter um resultado efetivo entre leitor e Literatura, é importante que ocorra os estágios de leitura, tendo uma relação de adequação dos textos nas etapas no desenvolvimento da criança, haja vista que não é somente a faixa etária para alcançar a inclusão do leitor, mas como também do seu desenvolvimento biopsíquico-afetivo-intelectual.

Quanto ao incentivo ao hábito de leitura, os professores são e devem ser os maiores incentivadores de leitores, os seus mediadores, mas para isso ele deve ser o maior apreciador de livros, ser o real exemplo para seus alunos, assim Carleto (2014), corrobora na questão em que é preciso investir na formação do professor leitor, não sendo suficiente encher as escolas de livros, lotar as bibliotecas de novos exemplares se não houver um conjunto de política pública que incentivem a leitura, “que os educadores (professores, bibliotecários, diretores, coordenadores, dentre outros), além de receberem contribuições em materiais, contêm com atividades de formação, gostem de ler por prazer e leia regularmente- o que não inclui livros técnicos, e material didático, cujas leituras são consideradas inerentes à profissão.” (2014, p. 26).

Partindo dessa premissa, não é suficiente ser professor, é preciso ser leitor para poder também saber direcionar o aluno ao livro mais adequado na Literatura Infantojuvenil, assumindo seu papel de mediador nas práticas de leituras e nas escolhas dos temas dos interesses dos alunos, fugindo do vínculo da leitura como apenas meio de alfabetização, ele deve possibilitar ao leitor a interpretação, diálogo e a compreensão daquilo que está lendo, despertando a criticidade do ser em formação, levando um entendimento do mundo de forma ficcional e não como imposição de boas maneiras como era antigamente, levando a Literatura Infantojuvenil com sua função formadora, conforme Zilberman (2003).

Em virtude no que fora mencionado, cabe ressaltar um grande equívoco que as escolas cometem quando lidam com a leitura, tendo a prática de leitura limitada a um trabalho de forma mecânica, cujo interesse se dá ao preenchimento de uma ficha técnica sobre o livro lido pelo aluno, visto que a leitura é a ponte no processo de ensino e de aprendizagem e auxilia na compreensão do mundo, da cultura e da sociedade. Na extensão de Carleto (2014), o ambiente escolar é um lugar privilegiado para despertar nas crianças o interesse pela leitura, mas também é da família a responsabilidade de incutir esse hábito.

É importante questionar como a escola vem trabalhando a formação de leitores dentro da Literatura para crianças, pois a dificuldade em entender e interpretar está vinculado com a performance escolar do aluno, assim como a dificuldade em outras disciplinas como na matemática que é preciso entender o enunciado para chegar a

resolução. Portanto, a escola que tem a Literatura apenas pedagógica, dificulta o potencial da criança para se tornar um leitor literário, visto que a Literatura, em seu ensinamento, promove o conhecimento e não a obrigação. Nessa perspectiva, Literatura voltada para crianças e jovens, está relacionada ao belo, ao prazer, à ludicidade, com isso o ensinar, moralizar, não deve ser um objetivo da leitura, e sim, ter como o papel do mediador, proporcionar imaginação, reflexão e atingir o sensorial e o emocional do pequeno leitor.

De acordo com os autores Rosa, Santos e Bittencourt (2019), ainda sobre a formação do leitor literário, é de suma importância que a criança tenha contato com a Literatura, ocupando um espaço que lhe proporcione prazer como a contação de histórias, a magia enquanto estão na primeira fase, a fase de bebê, os estímulos sensoriais, as imagens e símbolos, pois segundo eles, além de ser um direito da criança, também há uma influência na aquisição da linguagem, e uma vez que elas têm contato com a Literatura, muito provavelmente, terão gosto pela leitura e por diversos gêneros textuais.

Diante do que fora citado sobre a formação do leitor, cabe ressaltar a função essencial do mediador para que se tenha um bom desenvolvimento nessa formação, mas antes vale mencionar que o papel da escola, de acordo com os autores, é de formar sujeitos críticos e sensíveis, e por isso a importância de saber mediar, respeitando os estágios da leitura, o ritmo e o tempo da criança e usar a imaginação, aproveitando o ambiente escolar, pois é nesse espaço que é visto a oportunidade de desenvolver a imaginação, além disso, outra função do mediador é selecionar bons livros e os instrumentos para contação de histórias, ou seja, usar a mediação para obter o melhor desenvolvimento da criança.

Considerando que o pequeno leitor é alguém que está em formação da vida, é fundamental inserir no aprendizado, com a utilização da Literatura em diversos gêneros, a adaptação da cultura dentro de uma sociedade, apresentando histórias e lendas africanas, como também a indígena, com o intuito de mostrar às crianças essas diferenças, assim o contato com os diversos gêneros textuais promove a pluralidade de conhecimentos, além do respeito em diferentes culturas.

Um dos pontos mais interessantes citados aqui, é a importância da fabulação, dos desenhos e da imaginação no processo de formação de leitores na Literatura Infantojuvenil, assim como a menção de cada fase da criança atribuindo seus instrumentos para o melhor desenvolvimento nesse processo, inserindo assim desde cedo, a diversidade de gêneros selecionados e utilizados pelo mediador.

Entretanto, é de efeito primordial o papel do mediador para alcançar o objetivo da Literatura, da qual se faz em humanizar o ser humano, portanto, se faz necessário cessar

com a leitura analítica e funcional que é desenvolvido nas salas de aulas e semear cada vez mais novos leitores críticos e sensíveis.

Nessa mesma perspectiva, de acordo Albergaria (1996), o livro teve um crescimento quantitativo pela escola, mas sempre com o teor moralista e didático, com isso, houve uma preocupação com o livro infantil a partir dos anos 70, onde tivemos uma postura diferente do texto escrito para criança que antecedeu esse período, buscando entender o significado social da infância, iniciando a necessária construção de novos significados para a infância, reconhecendo-a como produtora de cultura, sendo sujeito ativo.

Diante desses apontamentos, cabe a escola trabalhar o prazer da leitura, incentivando as crianças desde atividades lúdicas com a Literatura Infantojuvenil, preparando-as para enfrentar desafios, assim como outro fator importante é, segundo Carleto (2014), que a escola tenha um lugar agradável para possibilitar o momento de leitura de seus alunos e o acesso aos livros da Literatura adequados aos alunos, com a disponibilidade do manuseio sem ter aquela regra de nem tocar nos livros em uma biblioteca totalmente organizada com pilhas de livros “o livro não pode ficar apenas como um enfeite bonito na estante da escola, como alguns acreditam, nem guardados em caixas.” (CARLETO, 2014, p.141), ou seja, a biblioteca não pode ficar estática e se tornar um mundo fora da escola, ela tem que permitir o manuseio do leitor em seu espaço, promovendo um espaço vivo e incentivador.

Nessa perspectiva, a leitura é o recurso que o professor tem para inserir o aluno à reflexão, é por meio dos textos e livros lidos que eles adquirem seus valores e crenças, conseguindo argumentar, questionar e se encontrar dentro da sociedade, alcançando a criticidade em sua formação. Como já foi afirmado pela Carleto (2014), a leitura na escola é um grande desafio até nos dias de hoje, principalmente no contexto tecnológico, por isso é primordial que o docente seja apaixonado pela leitura, ter a prática de leitura como uma fonte de sabedoria, de autonomia, e não apenas como prática pedagógica, ele tem que estimular a reflexão e a interação entre os alunos, pois essa reflexão contribui no processo de formação do sujeito como cidadão, onde o papel da escola não é tornar o aluno como alfabeto-funcional, “o papel da escola não é ensinar a ler mecanicamente, mas ensinar a ler criticamente, a interpretar os diferentes textos, de diferentes gêneros” (CARLETO, 2014,p. 235).

Diante de tudo o que foi dito, entende-se que a prática de formação de leitores requer um professor assíduo nesse universo, que tenha um novo olhar para a Literatura para crianças e jovens, e que possa estabelecer-se como mediador na hora de indicar, comentar

e ler, estabelecer assim um diálogo com o aluno, incentivando e motivando o sensor crítico e interpretativo diante de diversas situações, como também ter a preocupação em possibilitar um contato diário com obras da Literatura Infantojuvenil e implantar estratégias mediacionais, levando a Literatura como ferramenta para leitura do mundo.

O momento literário deve proporcionar às crianças um contato generoso com o livro. Sempre que for contar, ler ou assistir (são inúmeros os filmes produzidos a partir de textos literários), permitir que as crianças saiam das carteiras escolares e fiquem à vontade para usufruir da história. Um ambiente confortável contribui para a criança se entregar ao enredo da história. (MACIEL, 2010, p.47)

Dentre a reflexão da Literatura Infantojuvenil na escola, é fato que o ensino da leitura acontece de forma dissociada do seu significado ao oferecer às crianças textos fragmentados, vazios, descontextualizados, que não atendem o objetivo, priorizando e evidenciando os padrões silábicos, consolidando apenas a fluência da leitura, assim chegando ao resultado muito preocupante, em que o aluno lê, mas não entende o que está lendo, não consegue ter a compreensão do que está escrito, porém, “para a escola a criança atingiu sua oralidade, tendo seu maior objetivo “oralizar a escrita”, ou seja, a decodificação é a única tarefa que se espera desse leitor que se acostuma a ler sem pensar no significado do que está lendo” Rosa e Brandão (2010, p.70).

Para corroborar com esse entendimento, Zilberman:

As relações da escola com a vida são, portanto, de contrariedade: ela nega o social, para introduzir, em seu lugar, o normativo. Inverte o processo verdadeiro com que o indivíduo vivencia o mundo, de modo que não são discutidos, nem questionados, os conflitos que persistem no plano coletivo. (2003, p.22)

A Literatura Infantojuvenil ainda carrega o peso educacional, Colassanti (2014), destaca que a Literatura está no caráter formador da criança e não pedagógico e didático, precisando de lições e ensinamentos embutidos nas obras. Conforme a criança era consumidora dessa cultura, ela passou a ser considerada como categoria social e logo vieram as buscas de compreender o significado social da infância, reconhecendo a importância de construir novos significados. Um dos pontos importantes dentro desse viés, é a criança com base na infância em uma categoria geracional própria na perspectiva de sujeito ativo do seu processo, produzindo cultura infantil

Dessa forma, o ambiente escolar deve corroborar que a leitura seja mais do que uma exigência escolar, uma vez que o trabalho com a Literatura é de suma importância para a inserção social da criança, principalmente o trabalho com leitura na sala de aula, assim a Literatura Infantojuvenil, levando sua função formadora e não com caráter pedagógico,

transformando –se em instrumento, uma vez que a Literatura Infantojuvenil não se vincula aos ensinamentos morais e nem transmissor de informações, mas sim porque alcança no leitor a capacidade intelectual.

“com efeito, o livro infantil desconhece um tema específico, não é determinado por uma forma (seja verso ou prosa, novela ou conto) e, ainda escorrega livremente da realidade para o maravilhoso. Além disso, incorpora ao texto a ilustração e admite modalidades próprias, como o conto de fadas ou a história com animais. (ZILBERMAN, 2003, p.47)

Outro aspecto importante apontar é o relatório que o aluno tem que preencher após a leitura de qualquer obra, tendo que se preocupar em apenas em localizar informações explicitamente colocadas no texto e não à compreensão que levam às reflexões críticas sobre o texto, uma vez que o professor somente alcança a compreensão desse aluno, quando ele propõe perguntas interessantes sobre ele e que o leva a pensar, refletir e argumentar aquilo que leu, que orientem sua conversa a partir da leitura de textos literários, promovendo uma discussão reflexiva sobre o que foi lido, assim, ao utilizar de questionários pós leitura, há uma necessidade de formular perguntas que levam a mediar a conversa sobre o texto, não aquele interrogatório técnico sobre a obra, “porém, uma conversa planejada, que além de avaliar a compreensão dos pequenos leitores/ouvintes, contribua para que eles aprendam a abordar o texto literário de uma forma reflexiva.” Rosa e Brandão (2010, p.85).

Adorno (2010), traz a Educação como a única responsável pela emancipação do sujeito, pois é a única possível fazer-se pela busca de sua libertação das condições de opressão e de dominação. Mas para isso, é preciso que ela seja uma Educação para a contradição e para a resistência diante de um cenário social conflituoso na atual conjuntura, ainda que a cultura é explorada como mercadoria, é a forma de neutralizar a subjetividade e o pensamento crítico, pois tem como agravante o uso das novas tecnologias digitais, uma vez que ela torna uma ferramenta para reforçar a semiformação.

Semiformação é um conceito muito interessante desenvolvido por Adorno (2010), que é uma tentativa de trazer para o mundo da cultura àqueles que não tiveram e não tem condições de passar por um processo de formação que lhes permitam entrar nesse mundo, e para o autor, ao invés de conduzir o indivíduo à autonomia desembocou num processo de semiformação, vista de uma forma massificada e banalizada, o processo de cultura, virou um aspecto de mercadoria, assim, corroborando para converter a cultura em mera mercadoria, fazendo com que a forma e a velocidade que essas mercadorias culturais são compostas e repassadas, prejudicam a capacidade de raciocínio crítico, o que colabora

com a semiformação.

Assim pode se dizer que, a sociedade hoje, quando se refere ao ato de adquirir conhecimento, colabora para que esse processo se agrave ainda mais com o sistema capitalista, pois por meio desse sistema, buscam através da ilusão dos produtos culturais, uma falsa sensação de proteção.

Em contrapartida, o que um dia fora considerado como Literatura de massa no século XIX com a Literatura folhetinesca, hoje é um dos maiores poetas e dramaturgos inglês William Shakespeare, que fora reconhecido por seus romances populares, assim pode-se dizer que, da cultura de massa à Literatura européia.

2.2 MEDIAÇÃO ENTRE LITERATURA ERUDITA E LITERATURA DE MASSA

Partindo do pressuposto que a Literatura surge no momento em que a criança se distancia do mundo adulto, como também todas transformações na estrutura familiar, passando a ser vista como ser social, surgem novas preocupações no que tange a Educação e formação desse pequeno cidadão, com isso, surge a necessidade de livros escritos para o público específico, e com o surgimento da idade moderna, do capitalismo, da burguesia e da revolução industrial, todas essas mudanças causam transformações na estrutura familiar e a criança passa a ser vista como ser social.

Nasce também a preocupação com a Educação e formação, e surge a necessidade de obras literárias que atendam a esse novo consumidor quando envolve-se em escrever para uma faixa etária tão especial (público infantil). Em concordância com Freitas (2017), perante essas transformações no campo da Literatura e das mudanças na vida social das crianças, o espaço escolar passa a ser uma ponte da criança e da cultura, visto que a partir do conhecimento por meio da leitura é notório que ela construa significações e representações se colocando diante de determinado contexto, fazendo com que ela conheça, analisa e até se manifeste, como podemos observar na obra de Monteriro Lobato, constrói a criticidade e novos olhares em compreender a realidade.

Consequentemente então, Adorno (2010), traz que é necessário diferenciar a alta da Literatura de massa, visto que o monopólio capitalista começa a produzir conteúdos e informações que estapola o sentido da arte, do artístico e que estão realcionados a uma certa ideologia dominante que passada por meio desse conteúdo produzido sem ser nomeado enquanto ideologia dominante.

Com efeito, Adorno (2010), analisa como os bens da cultura se tornam mercadorias nesse mundo do capitalismo, haja vista que a produção da cultura, do teatro, música é de

interesse de gerar lucro, por conseguinte, esses bens culturais são transformados em cultura de massa, de baixa qualidade para vender e ser acessível a todos de maneira geral, massificando a cultura, gerando uma hegemonização das pessoas, do conteúdo da análise, da reflexão, consequentemente, perde a capacidade de ter um pensamento crítico e reflexivo em pensar por si mesmo, mas sim produzir uma aceitação de uma cultura dominante, ou seja, a proliferação de produtos padronizados de acordo com uma demanda de baixa qualidade estética que essa indústria cria e satisfaz.

Em direção oposta, Mafra (1997), defende que a Literatura de massa é um discurso específico da Literatura, visto que as editoras tem investido cada vez mais, uma exigência da sociedade moderna, onde os jovens se familiarizam com essa forma de Literatura, sendo necessário então a mediação entre as duas, respeitando o leitor e sua história de leitura.

No século XIX, surge o folhetim, romance publicado no rodapé dos jornais, escritos em capítulos com linguagem acessível e preço popular.

“A Literatura folhetinesca era ao mesmo tempo um processo eficiente de estratégia para vender os jornais como também uma opção de leitura e entretenimento para um grande número de pessoas que buscava trabalho nos centros urbanos. Após este estilo consolidado, como parte de sua modernização surge o “romance popular” introduzindo uma nova fase” (SILVA, 2004, p.19)

O que é importante lembrar é que Shakespeare fez parte da Literatura folhetinesca, visto que um dia foi considerado cultura de massa com romance, hoje suas obras são consideradas uma das mais influentes da história da Literatura, “Shakespeare, por exemplo, já foi concebido, em sua época, como autor popular, um dos criadores da nova Literatura européia, foi recusado pelo seu caráter popular e pelo aspecto não-literário de sua obra.” (BORELLI, 1995. p.25)

A cultura não é unitária como a elite julga ser, não podendo ser rotulada a comportamentos e acontecimentos isolados, pois a cultura depende do contexto em que se está inserida na sociedade e é por meio dela que se comprova a diversidade de estilos de vida entre os povos “A elite julga e quer uma cultura unitária, coesa e definida na busca da identidade nacional, porém, essa homogeneidade não existe. Entretanto, as pessoas pertencem a um país que se dá pelo seu caráter múltiplo e com uma variedade de conceitos e culturas como a erudita, popular e de massa”. (SILVA, 2004, p.15)

A cultura erudita é responsável por passar o conhecimento antigo por geração em geração, sendo representada pela classe de elite, logo a cultura popular é aquela que retrata a vida de um povo, e por sua vez a cultura de massa “é um processo de democratização da cultura, pois coloca ao alcance da massa, instrumentos privilegiados no

combate da exclusão social.” (SILVA, 2004, p.16)

É notório o quanto os livros para crianças estão sendo mais ilustrados e mais lúdicos, atendendo o senso crítico do pequeno leitor, trabalhando com temáticas próximas a situações diárias e conflituosas, levando-as as novas descobertas se distanciando de uma Literatura Infantojuvenil com caráter pedagógico e moralista “e a partir desse viés descontraído do discurso que emprega, trabalha os diferentes valores e entende a sociedade num público que se encontra em pleno desenvolvimento.” (FREITAS, 2017, p.4)

Nesse cenário, a Literatura Infantojuvenil, em sua funcionalidade social, busca facilitar a compreensão acerca das vivências, levando questionamentos e reflexão por meio da ludicidade, da leitura, da imaginação e da fantasia, onde o leitor se identifica e se sinta valorizado, permitindo uma nova visão do outro e de si, como a construção das representações sociais que estão contidas nas narrativas, uma vez que a diversidade está cada vez mais presente no ambiente escolar, espaço onde as crianças têm mais acesso à Literatura.

Sendo assim, o papel do mediador é oferecer opções ao leitor, deixá-lo livre para fazer suas escolhas literárias, não sendo pertinente julgá-lo e discriminá-lo e sem dizer o que é uma leitura superior e inferior, caso este opte por uma Literatura de massa, sabendo que o leitor terá o contato com todos os tipos de leitura ao longo de sua vida.

Torna-se necessário, nos dias de hoje, assumir uma posição menos preconceituosa e buscar sempre soluções para a falta do hábito de ler entre os jovens. O professor deve levantar questionamentos e levar seus alunos a fazerem comparações entre as diversas leituras, esboçando sempre suas opiniões e críticas, deixando claro sempre a importância do ato da leitura na vida do ser humano. Existem tecnologias que exaltam o incentivo ao ato de ler, ficando explícito que esta influência dos meios de comunicação como o cinema, a televisão, o computador, entre vários outros, não buscam a extinção da literatura, mas simplesmente se complementam renovando-se dia após dia. (SILVA, 2004, p.27)

Segundo Silva (2004), essa conquista da Literatura de massa vem aumentando gradativamente, obras que estão sendo consumidas por todas as classes sociais, tanto a média como a alta, ainda ela cita o escritor conhecido nas histórias em quadrinhos, Maurício de Souza com leituras para crianças e jovens. Isso não quer dizer que não é preciso incentivar os jovens e crianças a lerem os “clássicos”, mas também, aquele que eles gostam e se identificam, como também o uso da internet com os livros digitais e aos que por alguma limitação, necessitam de adaptações ou assistividade.

2.3 MEDIAÇÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NO PROCESSO DE INCLUSÃO

Como foi citado, os contos de fadas são contados de geração para geração e hoje podemos usufruir também de suas adaptações, tanto na identidade como na cultura, e falar sobre a importância dos contos infantis no estudo da Literatura, é de grande importância também que os surdos, como outros portadores de necessidades especiais, tenham contato com os grandes clássicos literários infantis.

Os grandes e respeitosos clássicos contos infantis atravessam gerações e gerações, são histórias que fazem como marco inicial de leitura de uma criança, que são eles: A Branca de Neve e os setes anões, A Bela adormecida, A Bela e a Fera, O patinho feio, Chapeuzinho vermelho, Cinderela e outros não menos importantes. Com seus belos encantos, muito deles foram readaptados com o tempo, uma leitura mais moderna, porém sempre com seu viés de clássico.

Histórias estas que também são importantes para o desenvolvimento de habilidades como a memória e a noção de princípio, meio e fim, essencial para a compreensão de passado, presente e futuro, e reconhecendo essa importância, temos hoje a adaptação desses contos para a cultura surda com os personagens consagrados do imaginário infantil, pois é importante que a história tenha elementos do universo surdo.

A Literatura Infantojuvenil na perspectiva da Educação Inclusiva no Brasil, vem se destacando a partir da garantia do direito à Educação para todos. Direito que se expressa como conquista da organização e mobilização da sociedade no conjunto das lutas pela redemocratização da Educação brasileira, oficializada na Constituição de 1988 e, consequentemente, consolidada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394 de 1996.

Assim, a Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva, no contexto da legislação educacional brasileira, se apresenta amparada num conjunto de normatizações e debates internacionais, com forte expressão no contexto da legislação nacional, com especial incidência sobre as políticas de formação dos profissionais para atuar na área. Destaca-se que no contexto da Declaração de Salamanca a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira/LDB, lei nº 9394/96 também enfatiza que o docente deve estar apto para atender os estudantes com necessidades educacionais especiais de modo a oferecer uma Educação de qualidade para todos.

Na definição de inclusão, Mantoan (2002) pontua que a inserção se dá de forma radical, completa e sistemática, atingindo todos os tipos de deficiência, atendendo a LDB em Educação para todos e não apenas um determinado grupo, buscando melhorar a qualidade

do ensino para atingir todos, tendo a escola se adaptando ao aluno. Assim, sobre os direitos das pessoas com deficiências, é estabelecido assegurar o direito da Educação Inclusiva em todos os estabelecimentos de ensino com igualdade em condições e adaptações para atender as necessidades do aluno. Porém, para ter uma escola inclusiva é preciso redefinir a Educação, para realmente ser englobada e livre de preconceito, valorizando a diversidade, haja vista que os conhecimentos trazidos por esses grupos, são ignorados, sendo preciso uma ressignificação do modelo da escola, repensar e questionar como é composto o currículo, como funciona a organização das disciplinas, onde há uma segregação de conhecimentos ao interdisciplinar.

Em 2003, Ulbra (Editora da Universidade Luterana do Brasil), lançou o livro: *Cinderela Surda* que reconta a fábula da gata borralheira que encontra o príncipe depois da meia noite e no final vivem felizes para sempre, mas que ao invés de perder seu sapatinho de cristal, ela perde sua luva, um símbolo que valoriza o elemento de comunicação para a comunidade surda. Podemos comparar uma história da outra, reconhecer dentro de cada história sua identidade, cultura e símbolo, que é a essência da Literatura Comparada., assim no conto da *Cinderela Surda*, o objetivo é de recontar essa história a partir de uma outra cultura, uma cultura surda.

Diferente da *Cinderela Clássica*, a personagem principal é surda e a história nos mostra que ela mora com a madrasta e as duas irmãs, como na versão original, que são más e sabem pouco a língua de sinais. Depois de muito sofrer, Cinderela consegue uma ajuda de uma fada para ir ao baile que foi promovido pelo príncipe do Reino. Segundo os autores, “o encontro com o príncipe é surpreendente, pois, ele é surdo e comunica-se com Cinderela em sinais” (op.cit. :5). Em vez de deixar com o príncipe o sapato, Cinderela deixa uma linda luva rosa. Depois disso, o príncipe ordena aos seus empregados que procurem em todas as casas do reino pela moça cuja mão cabe perfeitamente naquela luva, pois ela seria a mulher com que ele iria se casar. Depois de muito procurar, encontraram a casa de Cinderela, que estava trabalhando na cozinha e por isso não viu eles entrando. Mas, depois da madrasta mentir dizendo que suas filhas eram surdas e ver que a luva não serviu em nenhuma delas, o empregado mandou-a que chamasse a empregada surda que estava trabalhando. Daí, Cinderela provou a luva e serviu perfeitamente. Todos ficaram felizes, o príncipe a encontrou e, segundo os autores: “(...) casaram-se e foram felizes por muito tempo” (op.cit. 2003)

Esquecer um sapato, não chamaria tanto a atenção de uma platéia surda. Mas, esquecer com o príncipe surdo uma luva, chama a atenção daqueles que não escutam, e

no lugar de ir em busca da dona do sapatinho de cristal, é a luva que é a busca da vez, isso é uma adaptação de uma cultura para outra.

Não sabemos quem contou essa história pela primeira vez. Ela foi sendo recontada entre os surdos e nós resolvemos registrar e divulgar esse belo texto. A maioria das pessoas conhecem a clássica história da Cinderela. Nosso objetivo .nesse texto é recontar essa história a partir de outra cultura, a cultura surda. Assim, esse livro foi construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com o texto reescrito dentro da cultura e identidade surda e da escrita da língua de sinais, conhecido também como sign writing. (SILVEIRA; ROSA E KARNOPP, 2003, p.5)

Na adaptação dessa história, os personagens principais também são surdos, assim como as outros contos adaptados para a cultura surda, o enredo é modificado e são inseridos alguns marcadores da cultura surda. A preocupação maior dos contadores de histórias não é somente inserir personagens surdos, mas também trazer experiências do cotidiano. A adaptação enfatiza prioritariamente essas experiências, a vida em comunidade e o uso dos sinais.

Contar histórias é um hábito tão antigo quanto a civilização. Contar histórias é um ato que pertence a todas as comunidades: comunidades indígenas, comunidades de surdos, entre outras. Contar histórias, piadas, episódios em línguas de sinais pelos próprios surdos é um hábito que acompanha a história das comunidades surdas. Cabe, então, coletar as narrativas que surgem nessas comunidades, para que não desapareçam com o tempo.

Assim podemos incluir a cultura digital, visto que é um caminho sem volta com as novas narrativas por ali contadas, de caráter tecnológico, a Literatura ganha espaço em um mundo mais vivo com possibilidades de sentir, tocar e mergulhar nas páginas de uma obra infantojuvenil.

2.4 MEDIAÇÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NA ERA TECNOLÓGICA

O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) levou grandes e significativas transformações à sociedade, principalmente pelo acesso à informação e pelas inúmeras e diversas formas de comunicação que hoje são mais rápidas e síncronas, passando a ser um grande desafio sobre o processo da leitura com o mundo tecnológico utilizado por uma nova geração, como a prática de leitura e escrita, exigindo dos docentes uma inovação metodológica, a fim de utilizar a tecnologia como um elemento no estímulo à leitura, demonstrando como o gosto pela leitura pode ser estimulado de diversas maneiras.

Construindo uma reflexão teórica sobre a ótica onde as crianças e jovens estão totalmente imersas em uma cultura de mídia, segue um grande desafio em lidar com as transformações no aprendizado, levando em consideração esta nova característica nos dias de hoje, ou seja, a escola apresenta uma grande lacuna enquanto eles estão construindo uma cultura totalmente baseada em uma condição áudio visual, assim como a cultura de games, jogos, que estão acostumadas frequentar desde a mais térrea idade.

Nesta perspectiva, visando apresentar novos olhares pela pluralidade das formas de compreender a realidade, será apresentado o surgimento de novas narrativas no processo de produção de conhecimento em função da leitura, evidenciando a realidade de que a criança chega na escola trazendo com ela um conjunto de conhecimentos e habilidades que foram desenvolvidas juntas com as mídias. Então se a escola não assume, não integra essas novas culturas infantojuvenis, ela estará falando uma língua completamente diferente da linguagem do imaginário das crianças, causando uma incomunicação e o desinteresse com o aprendizado.

Na obra mais recente de Lajolo e Zilberman (2017), traz um novo olhar para a Literatura voltada para crianças e jovens, em que a Literatura Infantil e juvenil vai para além do livro, visto que, como foi citado nessa pesquisa, os livros desse segmento vem evoluindo cada vez mais, e é possível dizer que aquele livro comum venha a desaparecer dando lugar para os novos, como os livros digitais, tanto por seus recursos, aproximação ao real, custo baixo e a compra imediata.

Segundo Lajolo e Zilberam (2017), a obra de Monteiro Lobato, nosso fundador da Literatura Infantojuvenil, “A menina do narizinho arrebitado”, teve sua versão eletrônica, oferecendo uma leitura interativa com o leitor, pois em uma das páginas, o leitor tem acesso as escritas e ilustrações convencionais e em outras o cenário de água, possibilitando um movimento com personagens aquáticos com apenas o passar de dedos, como também os vestidos de Narizinho, músicas e o espirro da menina protagonista, gotas que caem e o som de abelhas e motores. Um universo literário muito sugestivo.

Na cena final da história – o desertar de Narizinho -, um belo recurso de dissolução de telas: a cena subaquática desmancha-se e, em seu lugar, emerge a tela inicial de Narizinho sentada à beira do ribeirão no fundo do qual se passa(ra)m as aventuras. O texto, conforme a editora, “teve como base a edição de 1920”, incluindo, pois, passagens descartadas em versões posteriores, como, por exemplo, a irreverente cena em que um Fr. Louva a Deus dá a extrema unção a uma barata morimbuda. (LAJOLO, ZILBERMAN, 2017, p. 20)

Uma ruptura do livro impresso para o digital se faz necessária uma reflexão sobre a

Literatura Infantojuvenil mais contemporânea, pois novas tecnologias impuseram outros formatos, outros recursos, diferentes maneiras de leitura com uma sinestesia completa.

De acordo com a autora Kenski (2012), é de suma importância conhecer o surgimento e o processo de evolução dos recursos tecnológicos, sendo iniciado para autodefesa, e com o tempo foi usado com objetivo de destruição, como ferramentas de guerras, tendo outras concepções hoje de guerra e poder. Em suas linhas, todo esse processo de evolução desde o período paleolítico, ou seja, a pedra lascadas, que corresponde ao avanço histórico-social, onde iniciou a criação de ferramenta para a sobrevivência daquele povo, o que não parou mais, cada tempo, cada período, cada contexto, surgia uma necessidade e juntamente uma evolução dos materiais, das ferramentas e assim tendo o avanço científico da humanidade, criando tecnologias sofisticadas.

Com isso, Valente (2000), afirma que foram geradas novas maneiras de comunicação hoje com as novas tecnologias digitais, em diversos segmentos, sendo visivelmente perceptível. Mas para ele, essas evoluções trazem a necessidades de desenvolvimento de novas habilidades, referente as novas modalidades utilizadas.

Ao se deparar com as tecnologias, a leitura também teve sua expansão dentro dessa inovação, mesmo que seja um desafio entre os jovens e professores, segundo Valente (2000), alguns recursos como as redes sociais, aplicativos e jogos são as novas modalidades para despertar o interesse pela leitura, uma vez que a leitura é essencial para o aprendizado de qualquer língua, sendo a primeira habilidade a aprender em sala de aula, tanto como leitura lúdica como leitura interpretativa.

É de conhecimento geral que as crianças e jovens assimilam as informações com mais rapidez com a linguagem simples e acessível e sempre estão de frente com algum recurso digital. A autora Kenski (2012), diz que a Educação também é um mecanismo de articulação das relações entre poder, conhecimentos e dos recursos tecnológicos, por assim dizer, a escola tem seu papel fundamental no poder em relação ao conhecimento da tecnologia, mediando entre professores, alunos e conteúdo, ressaltando a função essencial do mediador para que se tenha um bom desenvolvimento nessa formação, principalmente onde se tem mudanças rápidas demais. Mas antes vale mencionar que é essencial que o professor explore da melhor forma possível dessas tecnologias, a fim de promover um melhor aprendizado para seus alunos.

Considerando o que Kenski (2012) pontuou, o pequeno leitor é alguém que está em formação da vida, sendo fundamental inserir no aprendizado, com a utilização da Literatura

em diversos gêneros, fazendo relação com a tecnologia, destacando a socialização e inovação, assim como a importância de aprender a usar esses recursos, onde ela destaca a necessidade da Educação para saber mais sobre a tecnologia, problematizando uso isolado do professor e direcionando para o uso correto e pedagógico da era digital.

Assim, ela enfatiza que essa é uma geração com conexão rápida e pouco se interessam por leituras lineares, apenas querem “zapear” os textos, muitas vezes não fazendo a interpretação do que lê, com isso, as revistas e jornais já perceberam essas características e passaram a oferecer mais imagens, cores e gráficos, o que muitas vezes passa a ser relativo, pois têm aqueles que se encantam com a leitura do Harry Potter, mesmo sendo uma leitura linear, provocam o imaginário do seu leitor, dinâmicas.

No âmbito escolar, seu papel na atualidade é ensinar novas habilidades aos alunos, formar pessoas flexíveis para formar novos perfis profissionais, assumindo o papel de formar cidadãos para os desafios propostos no dia a dia visibilizando o desenvolvimento do ensino em diferenciados e novos caminhos. Por outro lado, de acordo com Kenski (2012), o uso da tecnologia pode levar para projetos chatos e sem sucessos, como slides, aulas de filme para passar o tempo e o uso da internet apenas como dados, como pesquisa.

É falando do futuro que a autora chama atenção para novas mudanças dentro da escola a fim de atender as expectativas dos alunos, como a gamificação onde os ambientes digitais vão com a proporção além dos computadores, uma vez que o futuro dos recursos tecnológicos dentro da educação tem se transformados em aparelhos leves e pequenos, dando a liberdade de uma interação por meio dessas telas em conversar com colegas e professores como também realizar atividades educacionais.

É indiscutível que essas transformações já estão sendo assiduamente frequentadas pelos jovens, mas é inegável que a realidade de cada uma delas é diferente, onde o acesso não é totalmente contemplado, principalmente em escolas públicas, e visando essa lacuna, os alunos dessa escola não tiveram acesso a internet e esse talvez seja um grande desafio de seus mediadores. Porém, esse problema também se dá pela falta de investimentos e tempo para uma verdadeira formação do corpo docente e não apenas colocar na escola a estrutura tecnológica, o que acontece em sua grande maioria, distanciando da formação da prática pedagógica com recursos tecnológicos. Como também o problema de formação para as crianças pequenas, pois elas não tem o domínio da ferramenta como os jovens e adultos.

A importância dessa obra se faz por ela ao todo e principalmente quando aponta o papel da escola na atualidade, sendo preciso ensinar novas habilidades aos alunos, formar

peessoas flexíveis para formar novos perfis profissionais, assumindo o papel de formar cidadãos para os desafios propostos no dia a dia visibilizando o desenvolvimento do ensino em diferenciados e novos caminhos.

3 INFÂNCIAS

Para continuarmos, é necessário fazer algumas observações quanto a infância. Devemos destacar que não há apenas uma concepção de infância, mas várias. O conceito nem sempre foi o que conhecemos hoje, Corsaro (2011), aponta que o estudo sobre infância é algo recente, antes ela era marginalizada na sociologia por ter sido subordinada perante a sociedade por muito tempo, uma vez que as crianças eram consideradas apenas como futuros adultos, e muito raro o olhar como elas são, a sociedade tem como problemas sociais os desejos e as necessidades dos pequenos, ficando à margem da sociedade.

“Atualmente, a situação é muito diferente. Um grande e crescente número de monografias, obras publicadas e artigos periódicos abordam questões teóricas e relatam conclusões empíricas relacionadas ao estudo sociológico das crianças e da infância.” (CORSARO, 2011,p.17)

Sobre o assunto concepção de infância e infância, vale falar sobre a criança enquanto sujeito, questionando o que é ser criança no meio em que ela é inserida, tendo pela burguesia uma ideia que infância universal existe, e que toda criança é igual, mesma condições. A escola também acaba produzindo uma infância, reproduzindo uma única para todos, não respeitando seu contexto, assim como no contexto escolar são vistas como iguais, propagando uma normalidade de infância, excluindo ser aquilo que não é normal.

Cada criança, dependendo do seu contexto inserida, ela produz uma cultura infantil e isso está relacionando diretamente ao conceito de infância. É um período socialmente construído em que as crianças vivem, e esse período está relacionado também como as transformações em que elas vivem na sociedade. O que seria erroneamente pensar na criança como receptor de cultura, pois ela transforma a cultura, por isso é importante pensar na criança em seu contexto, sendo assim, considerar que ela é um ser ativo, agente ativo na sociedade, ela é participante desse processo e não apenas recebe, pode ver como a mídia consegue observar isso, como ela produz cultura e como ela é um consumidor.

De acordo com Pires, a autora Margaret Mead faz uma pesquisa a campo com três diferentes grupos, a fim de apresentar como vivem e são criadas as crianças em diferentes contextos, assim ela diz que a cultura molda as disposições individuais, enquanto para Tim Ingold, defende o fator biológico, onde o mundo não é culturalmente construído. Enquanto para a autora, conseguir apresentar que uma criança não aprende somente por um adulto, mas também por outras crianças, pois elas podem pensar de forma totalmente diferente e

ter uma visão que diverge a do adulto e por meio de pesquisas, é possível dizer que não existe uma cultura imposta nas crianças, já que elas mesmos fazem parte desse processo. Corroborando com a autora, as crianças recriam o mundo, mas a partir do mundo que lhes fora apresentado, um mundo de adultos. Elas mudam, mas também são responsáveis pela continuidade, pois o processo de reproduzir padrões, quando adultos, também acontece com as crianças.

3.1 O CONCEITO DE INFÂNCIA NO SÉCULO XX

Corsaro (2011), de forma bem clara, traz a compreensão do conceito atual de criança, como agente social, sendo produtora de cultura, sendo um agente social criativo, ativo e participante da sociedade, a partir do século XX ela passa a ser um cidadão de direitos, e essa perspectiva de criança e infância vem evoluindo a cada ano, pois é a partir do contexto que ela está inserida que é produzida sua cultura infantil. Visto que a infância é um período socialmente construído, período esse que está relacionado com as transformações em que ocorre na sociedade.

Visto isso, temos concepções diferentes porque elas foram construídas a partir das necessidades e das transformações sociais que cada momento histórico nos acompanha, se torna relevante considerar como a criança é representada em cada época e contexto pela sociedade, então essa concepção de criança e infâncias se diferencia em determinado momento da época vivida, caracterizada pelo momento em que se encontra, tanto cultural, como político.

Em face da necessária concepção da infância, é preciso contextualizar a criança à qual nos referimos, assim afirma Fridmann (2005), trazendo inicialmente a etimologia da palavra como dificuldade de falar, tendo como criança o novo, as crianças são atores sociais, são protagonistas, não existe uma criança ideal, existem crianças e elas têm vida, linguagens, falas que vão mudar conforme o contexto, o local, o grupo, a ideia da criança ser fruto de um multiculturalismo. Ela ressalta que é preciso entender seu contexto social e cultural para dizer o que é ser uma criança e entendê-la através de seu ponto de vista, ressaltando a importância de um olhar crítico como pesquisador que existem outras infâncias, e outras maneiras de ser criança, assim, ampliar a ideia e entender os variados contextos onde as crianças estão inseridas.

Dentro de tudo isso, tem a criança com família desestruturada, vulneráveis, criança discriminada, de abrigos, hospitais ou de ruas, crianças viciadas em drogas ou álcool, doentes, internadas, de zona rurais, indígenas e a criança que trabalha, e a autora ressalta

a importância dessa contextualização para chegar a contribuições das teorias sobre a infância mais próxima de sua realidade e assim obter uma melhor compreensão sobre a infância. Ainda de acordo com Fridmann, o ser humano está em constante mudança, adaptação e superação, visto como conjunto de regras inculcadas na sociedade, conhecido como *normose*, um conceito necessário para ter o entendimento amplo do universo da criança, sendo o maior desafio a superação desse conceito, visto que a Educação atual não aceita a diversidade, sempre comparando com um ideal de “normalidade”. A escola também acaba produzindo uma infância, reproduzindo essa infância única para todos, não respeitando seu contexto, assim como no contexto escolar são vistas como iguais, propagando uma normalidade de infância, excluindo ser aquilo que não é normal.

“Vivemos uma fase de transição, de mudança de paradigmas em todos os âmbitos do humano. O maior desafio hoje é o de superar a “normose, o comodismo, a estagnação evolutiva e a perda do sagrado e dos valores perenes” para caminhar para uma fase de “consciência, amor e solidariedade” (Crema)” (FRIDMANN 2005, p.12)

Como dito anteriormente, foi na década de 70 que os estudos foram voltados em entender como era a representação da criança, segundo Moruzzi/Rosemberg (2015), foi nesse período em que a Literatura faz relação entre o adulto e a criança como também o papel da Literatura na representação da criança, visto que antes elas não eram reconhecidas como produtora de sua própria cultura era sempre vista como um ser imaturo que estava ali para ser educado e corrigido, onde o adulto educa e a criança aprende, assim como pode-se dizer que o adulto produzia a cultura, e a criança seria a consumidora, com isso, as obras *infantojuvenis* na época, ainda não traziam representações da cultura da criança e sim a do adulto.

Em conformidade com Abramowicz e Rodrigues (2014), em seu artigo “Descolonizando as pesquisas com crianças e três obstáculos”, apontam os colonialismos que perpassam as construções das infâncias, trazendo a Infância como um poder positivo o que antes era visto como negativo.

A partir de seus discursos, evidencia-se um momento difícil como os direitos estão sendo banidos, centrada nas questões da diferença, gênero, raça, idade, sendo assim, a ideia é questionar e ensinar em Pedagogia descolonizadora, em ter um modelo que nem sempre é o que se procura, visto que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e hoje há um enfrentamento do processo da identidade dessa política. A infância geralmente é destinatária e é importante reconhecer que a infância é o sujeito da

emancipação, outro ponto é reconhecer eles como atores sociais, com voz, capaz de compreender em seus contexto social com autonomia e liberdade.

Corroborando com essa ideia, as autoras trazem a importância dessa liberdade na infância e defende que infância não se separa de criança, sendo sua condição, nesta visão é inseparável ser criança e usufruir de uma infância. Mas outro detalhe importante relativo a essa discussão, é o ponto de que fase estamos falando, seria a infância que agora é sujeito sendo substituída pela noção do que é infância. Porém, cabe questionar qual seria essa liberdade daquele pequeno que mora na rua, que trabalha, aquele que não tem uma alimentação suficiente e nem a oportunidade de uma Educação.

3.2 CRIANÇA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

Partindo do pressuposto que a criança é um ator social competentes para a interpretação da realidade social em que se inserem, as crianças não permanecem passivas, conforme rege Sarmiento (2008), estudar as crianças tem sido um desafio, pois é preciso considerar crianças tão importante como qualquer outra pessoa, independentemente de sua idade, assim valorizar o diálogo e aprender as perspectivas das crianças, ampliando os estudos por seu mundo social e também analisar sua interação desse mundo pelos efeitos sociais e estrutura de classes, como gênero, etnia, religião e outras culturas e assim se faz da importância, segundos grandes autores, e o potencial para os estudos da infância.

Em conformidade com Abramowicz (2015), é importante reconhecer que a infância é o sujeito da emancipação, outro ponto é reconhecer eles como atores sociais, com voz, capaz de compreender em seus contexto social com autonomia e liberdade, assim a Sociologia da Infância traz a Infância como um poder positivo o que antes era visto como negativo.

Em virtude disso, fica evidente as diferenças que perpassam entre as teorias e a realidade, pois a realidade é sempre mais complexa, mesmo com tantos estudos na abordagem com crianças como atores sociais, desafios apontados desde grandes estudos como enfrentar os problemas de autenticidade nos estudos de hoje sobre a infância e uma reflexão maior sobre sua voz como o ator social. Assim, pode-se dizer que não pode dizer o que é ser criança sem entender o lugar o que elas ocupam naquela sociedade. Cada indivíduo teve a sua infância e que nem sempre foi a do brincar e para entender esses diferentes tipos de infâncias, é importante contextualizar cada tipo de vivência. Assim, as concepções de que se tem hoje sobre infância, não são as mesmas do passado.

Em virtude do que fora mencionado, esses aspectos são discutidos já há um tempo pela a Sociologia da Infância com o objetivo de se ter pesquisas com crianças respeitando e vendo ela como ela com ator social, ou o protagonista de sua história, referindo a importância de envolver o estudante em seu aprendizado, uma concepção das crianças como atores sociais articulados que têm muito a dizer sobre o mundo, dar voz a criança.

Clarice Cohn (2005), publicou seu artigo “Antropologia da criança” afim de apresentar algumas considerações sobre o tema proposto, fazendo um regaste sobre os pioneiros que estudaram a antropologia da criança, trazendo o conceito de antropologia, sua metodologia e alguns dados tentando responder a questão inicial “O que é ser criança”, uma vez que a antropologia tem seu papel importante para esse conceito, desvencilhando a imagem negativa pré-estabelecida de uma criança.

Sobre esse assunto, Cohn (2005), afirma que a criança é uma tábula rasa e se molda conforme é inserida na sociedade e é preciso entender seu contexto social e cultural para dizer o que é ser uma criança e entendê-la através de seu ponto de vista. Para isso é de suma importância o estudo da antropologia, uma vez que é a ciências responsável por estudar outras sociedades e cultura e da própria sociedade, que contribui no fornecimento de um modelo analítico permitindo compreender por si mesma, escapando assim daquela imagem negativa de ser criança, utilizando o método da coleta de dados como a etnografia, quando o pesquisador participa ativamente da vida e do mundo social, observando então, diretamente o que elas fazem e o que elas têm a dizer do mundo.

Para compreender esses questionamentos, precisamos entender a criança e seu mundo a partir de seu próprio ponto de vista. Estudar a criança com a lente da antropologia é importante, pois faz perceber que existem diferentes fenômenos que impactam o que ser criança de determinado indivíduo, como por exemplo os fenômenos sociais, culturais econômicos e outros. Não pode fazer da criança de um povo indígena sem entender como esse povo pensa o que é ser criança e sem entender o lugar o que elas ocupam naquela sociedade. Cada indivíduo teve a sua infância e que nem sempre foi a do brincar, e para entender esses diferentes tipos de infância, é importante contextualizar cada tipo de vivência. Assim, as concepções de que se tem hoje sobre infância, não são as mesmas do passado.

A autora resgata a antropologia da criança e a primeira relação que ela traz é justamente essa relação que a criança é um ser social, logo é cultural também da cultura que esta socializada. Os alunos hoje na Educação Infantil, traz consigo o seu cotidiano a cultura que estão inseridos e sabe-se como isso reflete no comportamento da criança.

Compreende-se, que se fizer uma análise da sociedade, essa percepção do conhecimento já existia, assim a autora e ela chama a atenção pelo antropólogo francês que ao visitar uma certa comunidade, o ancião diz que as crianças eram felizes porque elas não sabiam de nada e elas sabiam de tudo, uma relação da criança perceber tudo o que está a sua volta. Ela pontua essa evolução do estudo e mostrando a importância desses estudos, chamando a atenção da metodologia antropológica, a pesquisa etnográfica passa a ser muito importante para o educador, perceber os mecanismos que a criança vai percebendo em seu universo escolar, vai ser materializada em toda a vivência que ela traz, as relações pré-estabelecidas antes de chegar na escola.

No artigo *Antropologia da criança: uma revisão da Literatura de campo em construção*, escrito por Márcia Buss-Simão (2009), tem por finalidade trazer as questões a presença e ausência nos estudos antropológicos, uma vez que elas são incluídas apenas em alguns trabalhos nas investigações e análises, deixando-as de fora no que tange a categoria central, por não ter sido considerada relevante para uma pesquisa.

Sobre esse assunto, Buss (2009), afirma que a Literatura privilegia as abordagens antropológicas clássicas da escola de cultura e hoje estudando a criança na antropologia, onde passa a ser um novo campo de investigação como uma nova forma de compreender as crianças, apresentando razões suficientes para mostrar o quanto elas são importantes para a pesquisa e para entender melhor a experiência cultural dos adultos, uma vez que serão estudadas pelas suas formas culturais específicas e pela sua arquitetura mental.

A esse respeito, encontra-se a seguinte colocação sobre as abordagens antropológicas clássicas inspirando os estudos ligados à escola de Cultura e Personalidade e os Estudos sobre Socialização, sendo que buscam entender o que significava ser criança ou adolescente em outras realidades sócio-culturais, compreendendo como a cultura influenciava na constituição das crianças. A autora também traz teoria e citações de outros autores, um deles fala destaca que as experiências das culturas marcam uma educação do corpo, sendo o contato e as trocas corporais a marca dessa sociedade, e traz exemplos de crianças de algumas aldeias, afim de comprovar sua teoria e a forma que a cultura de um povo marcam sua educação corporal, assim também o comportamento humano enfatizando que cada cultura molda seus indivíduos conforme o que acredita.

Para atingir o objetivo pretendido, é preciso uma nova antropologia da criança, destacando os estudos que trazem contribuição sobre a cognição, o raciocínio e a aquisição da linguagem, as quais têm em comum a compreensão da capacidade infantil de aprendizagem tendo como um dos princípios a necessidade em rever o modo de lidar com

os temas de socialização e de infância, desvencilhando do papel social da criança, na concepção tradicional, onde ela era passiva em seu aprendizado, enquanto a nova antropologia traz a infância como um ensaio para a vida adulta. Em face disso, na antropologia indígena, as crianças são consideradas como os serem sábios da tribo.

Nesse sentido a autora contribui para ampliar os estudos da antropologia da criança e ampliá-los, estudar as crianças, uma vez que é preciso considerá-las essenciais para compreender melhor a experiência cultural do adulto, independente de sua idade, para também aprender as perspectivas das crianças, possivelmente ampliando o estudos por seu mundo social e também analisar suas interações desse mundo pelos efeitos, corporais e comportamentais.

3.3 METÁFORA DE INFÂNCIA

Podemos observar na escrita de Sylvia Orthof, revestida de linguagem acessível ao seu público, com tom humorístico, traz também a representação de suas memórias, o que contribui para a formação do leitor fugindo dos paradigmas didáticos, onde a criança aprende enquanto se diverte com suas histórias engraçadas e questionadoras, obras com humor com representação de suas memórias, personagens que sempre estão em busca de soluções diante de situações problemas, aspectos esses que enriquecem a Literatura Infantil, assim como fez Monteiro Lobato em seus personagens discutindo problemas sociais, levando o leitor tornar-se crítico.

Um trabalho de visitação do passado é o que também se apresenta no livro de Orthof, porém sua relação com o leitor é mediada por uma linguagem que encarna o objetivo de aproximar-se do universo infantil por meio da transgressão da memória efetivada pelos jogos imaginários. Com o subtítulo “memórias zoológicas”, o livro apresenta uma série de episódios envolvendo animais de estimação. (FRITZEN, 2008, p. 34)

Por meio de suas lembranças zoológicas, Orthof, leva ao pequeno leitor textos divertidos e humorísticos conhecendo assim, os bichos de estimação, que fizeram parte na vida e na imaginação da autora "Eu vim do teatro para a Literatura. Mas, por questões de afeto, os bichos me aproximaram das histórias. Sempre fui muito cachorrenta, gatenta e coelhenta." (2004, 76)

Na história do elefante, a autora relembra seu momento de infância de que seu pai vivia se mudado, “ meu pai gostava de mudar de casa. Eu era filha única e, hoje, quando passo pelo bairro jardim botânico, na cidade do Rio de Janeiro, esbarro em vários lugares onde criei a minha infância” (Orthof, 1996, p.4)

Para Chauí (2000), a memória não se separa do sentimento do tempo ou da percepção/experiência do tempo como algo que se foi, sendo considerada essencial para o aprendizado.

A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. É nossa primeira e mais fundamental experiência do tempo e uma das obras mais significativas da literatura universal contemporânea é dedicada a ela: *Em busca do tempo perdido*, do escritor francês Marcel Proust. (CHAUÍ, 2000, p.158)

Segundo a Chauí (2000), existem componentes subjetivos como a importância, o significado afetivo e emocional das coisas e dos fatos, como aquela lembrança ficou gravada em nossa memória e a construção da nossa identidade, no processo de memorização para formar as lembranças.

4 DIVERSIDADES

Estamos falando de um gênero literário em que os livros infantojuvenis são considerados um instrumento fundamental para propiciar valores, ideais de vida, conforme a forma de interpretação dos leitores às obras literárias, assim como a importância delas na valorização da diversidade, um conceito de percepção da diferença. Nessa perspectiva, trazida pela autora Venâncio (2009), é um conceito que se está entrelaçado com o que é diverso, dessemelhante, mas ela ressalta que a diferença não é aquela percebida como patologia, individual ou social, pois essa não se define como diversidade.

“Essa forma de relação com o diferente é pautada na noção de desvio, com as pré-conceituações e definições de diferenças significativas, dentre estas a deficiência, as relações étnico-raciais, de gênero, etárias, entre outras, determinando a percepção do outro, numa relação de consequência-causa que auxilia na “formatação” das atitudes perante o ser diferente, causando estranhamento e gerando conflitos” (VENÂNCIO, 2009, p.18).

Essa percepção, muitas vezes, é levada a uma maior discriminação e conflitos perante seu entendimento equivocado e raso do que é diversidade dentro das políticas educacionais, levando às várias interpretações diante do conceito, resultando na contribuição da desigualdade, assim afirma Venâncio (2009), visto que o equívoco e a distorção do real conceito sobre os termos igualdade e diferença fez com que promovesse um entendimento errôneo e assimilação de igualdade à proporcionalidade. A autora traz outros conceitos de igualdade que pode ser analisada de diferentes formas, vinculada aos conceitos de desigualdade, diferença e identidade. “O “diferente” pode tanto referir-se aos aspectos físicos quanto estar relacionado às questões socioculturais, cognitivas, étnico-raciais, religiosas, etc. com as formas de “definição” da diferença norteando sua percepção e investigação, fato que dificulta restringir sua análise a determinados atributos e características” (VENÂNCIO, 2009, p.20).

Em consonância com a autora, o conceito de diversidade problematiza as questões acerca do que situa como “dessemelhanças” e é extremamente discutido na modernidade, porém, tem seu significado em diferentes situações, tendo seu conteúdo de acordo com os interesses em discussão e daquilo que se quer atribuí-lo, resultando seu conhecimento como um problema diante de uma sociedade que rotula tipos ideais de vida e de pessoas. Nessa perspectiva, o gênero Literatura Infantojuvenil, tem, assim, seu papel fundamental em contextualizar significados, voltado à infância e adolescência, de representações e transmissoras de imagens respeitando a diversidade.

Segundo Venâncio (2009), a função da Literatura Infantojuvenil é bastante diversa

em algum tempo atrás, mas o livro era mais como instrumento do que diversão, o que ainda temos hoje, porém essa visão era para obter conhecimento a uma conduta titulada como correta.

Contudo, os usos da Literatura Infanto-juvenil, historicamente, privilegiaram uma concepção mais utilitária do objeto livro, instruindo mais que divertindo as crianças e os jovens leitores, ação que ainda perdura apesar dos movimentos de implementação de políticas de fomento da leitura e novas perspectivas quanto à concepção de criança que orientam a escrita desse gênero. Nesse prisma, a principal motivação da leitura e da contação de histórias no passado foi difundir conhecimentos necessários a uma conduta tida como mais correta e necessária, com, via de regra, difusão concomitante de preconceitos e estereótipos (2009, p. 43)

Vale dizer que, a diversidade dentro da Literatura Infantojuvenil propõe uma vasta riqueza comparada àquele caráter pedagógico que se tem das obras literárias, pois elas têm uma abordagem social, abordagem histórica, levando o leitor a conhecer outras culturas, outros tempos e espaços, abordagem psicológica, assim promovendo a possibilidade de trabalhar os conflitos, a sensibilidade, o emocional, a criticidade, como também propicia momentos de reflexão e questionamentos, portanto, a Literatura Infantojuvenil que se faz presente na vida das crianças, contribui para diminuir, tanto como para disseminar o preconceito, possibilitando questionamento e contestação ao leitor, assim também a reflexão e o encantamento, construindo a infância na Literatura Infantojuvenil

A Literatura com propósito, que aborda direitos e garantias de criança e adolescente, tem a criança mais ciente e consciente de seus direitos, e sendo direcionada a elas, deve trazer de uma forma grandiosa, as contradições do mundo, e não como Literatura tida como algo didático. De acordo com Albergaria (1996), foi por meio da escola que ocorreu a disseminação da Literatura, mas muitas vezes ela é confundida com os livros didáticos, assim como a dificuldade em entender que a Literatura infantojuvenil se difere da adulta não por ser um texto de menor significado, ela tem o mesmo tema que os demais, visto que os valores discutidos nessa Literatura são os valores humanos, os conflitos internos e externos.

As primeiras histórias de encantamento vem do Monteiro Lobato nos anos 70, que com sua proposta inovadora, a criança passou a ter voz, ele apresentou características a essa Literatura, despertando no pequeno leitor a reflexão do mundo, temas que traz os problemas sociais, valores e vários questionamentos, contudo, Lobato foi o idealizador de uma Literatura renovada destinada ao público Infantojuvenil, responsável por trazer as diversidades de valores, questionamento do papel do homem na sociedade, a cultura e

diversidades.

Segundo Silva (2019), tínhamos como Literatura a europeia, aquela tradicional que era traduzida e adaptada para o nosso idioma, e foi por meio de Monteiro Lobato a chegada da Literatura Infantojuvenil brasileira com sua obra “A menina do narizinho arrebitado” em 1921, alcançando um público com sua mistura do real e do mágico, aproximando o pequeno leitor às situações narrativas familiares e afetivas. Com a Literatura lobatiana, surge uma proposta inovadora, onde as crianças se identificam com a obra e se encontrando nas páginas, uma vez que, antes os fatores de ordem social não eram abordados na Literatura Infantojuvenil, assumindo uma característica individualista.

Nessa perspectiva, a luta pela sobrevivência, e principalmente, as vozes, a interação, a emoção despertada nesse público com a Literatura Infantojuvenil, prepara a criança para um mundo repleto de diversidades, preparando-as para vida. Assim afirma Albergaria (1996), que conflitos levados como forma de diálogo, que apresenta a criança como um ser em formação, é uma tarefa fundamental desse gênero literário. É preciso que tenhamos uma Literatura inquieta e questionadora em situações cotidianas e realistas, um diálogo que desperta a curiosidade do pequeno leitor, que o leva ao mundo do encantamento, de fantasias e sonhos e oferece informações, se fazendo em diversas funções.

Dessa forma, é de grande importância que essas abordagens possam ser tratadas dentro da Literatura Infantojuvenil, com finalidade de oferecer a diversidade, desconstruir preconceitos, destacando os valores com respeito desde a sua formação inicial, porém, conforme Silva (2019), não é o mesmo que caracterizar a Literatura Infantojuvenil como cunho pedagógico ou didática, o livro infantil deve ser um espaço onde o real e a fantasia conversam de forma divertida, leve, dinâmica e auxiliar no desenvolvimento crítico de cada leitor, oferecendo com naturalidade que existem diferenças em linguagem voltada às crianças e de forma lúdica.

Logo, ao abordar o assunto diversidades, é valioso destacar as diretrizes e normativas específicas que, conforme tais parâmetros, seu estabelecimento responde a uma necessidade do sistema educacional e visa à promoção de igualdade social, permitindo que as crianças compreendam seu valor diante da sociedade e que conheçam suas origens como brasileiros e como participantes de grupos culturais específicos.

Nessa perspectiva, apresentar a pluralidade cultural, em sala de aula, por meio da Literatura, não é apenas alfabetizar o aluno. Trata-se de letrar esse aprendiz, criando novos conhecimentos sobre o mundo que o cerca e fazer com que ele (re) conheça a si mesmo. Busca-se formar um cidadão, pois tal temática a princípio pode aparentar

ser de menor relevância em relação aos outros conteúdos que são ensinados em sala de aula. Todavia, ao refletir-se sobre tal questão, percebe-se que existe uma interdisciplinaridade promovendo o conhecimento em outras disciplinas. (SILVA, 2019, p. 19)

Contudo, a Literatura Infantojuvenil é considerada como elemento formador e emancipatório, capaz de formar e instruir a criança, e com a evolução diária dos livros para crianças e jovens, são inúmeros os títulos e temas que as editoras publicam tendo como foco a criança leitora, buscando inovar dentro dos gêneros literários que causam questionamentos, reflexões e o respeito às diferenças inseridas em obras que abordam diferenças e exclusões.

4.1 MEMÓRIA, INFÂNCIAS E DIVERSIDADES

Trazendo a memória dentro da obra de Orthof (2004), a autobiografia é um tipo particular de representação literária da infância, afirmam Fritzen e Cabral (2008), mesmo que ela não é exatamente uma escrita para crianças, ela ainda assim atribui os valores e a cultura, da singularidade e mostra experiência de ser criança. Visto que a prática do gênero da autobiografia é a forma que o ser humano tem de se revelar historicamente e se relacionar a si mesmo, ele tem o sujeito como protagonista, narrador, autor, escrevendo sua identidade selando um pacto de referencial, uma característica para ser do gênero autobiografia, um relato impermeável à ficção. “A escrita autobiográfica reúne todos os casos em que o sujeito humano se toma como próprio objeto do que ele escreve, constituindo assim uma identidade entre autor, narrador e protagonista do relato.” (FRITZEN e CABRAL, 2008, p.35).

Temos a autobiografia como um caráter que retoma o passado e apresenta a resignificação de sua personalidade diante dos episódios. Os bichos que tive (2004), é um reencontro com o passado de Orthof, de sua infância, carregada por uma linguagem que aproxima do universo infantil por da transgressão de memórias pelos personagens engraçados, como o subtítulo “memórias zoológicas”, o livro traz uma série de episódios envolvendo animais, como coelho, bicho de pé, cachorro e elefante. Porém, esse último é o que mais “pesou”, literalmente dentro do texto, por fugir do pacto autobiografia, visto que uma das falas de seu filho Gê, ressalva que muitos desses bichos reiventados por sua mãe, também fizera parte de sua vida, assim como vai fazer parte da vida dos leitores.

Reilustrar OS BICHOS QUE TIVE foi um verdadeiro reencontro especial e prazeroso com as histórias que escutei e testemunhei antes mesmo de se tornarem livro. Muitos dos bichos reinventados por mamãe foram também nossos –

meus e de meus irmãos, Cláudia e Pedro. (ORTHOFF, 2004, p.76)

Isso, segundo Fritzen e Cabral (2008), desqualificariam ao gênero autobiográfico, pois a função referencial deve ser cumprida pelo gênero e nesse caso, vários momentos Orthof narra a extrapolação do impossível, como o relato do elefante, uma vez que “Este espera que o que está sendo relatado é impermeável à ficção, garantido pela verificação dos fatos apresentados em provas do mundo ao qual a narrativa de si faz referência” (p.35).

Porém, Orthof mesma finaliza como não sabe se isso foi mesmo verdade, mas quem contou foi o palhaço, “Não sei se essa história aconteceu mesmo. Quem me contou foi Farofa, o palhaço. Palhaço inventa cada uma!” (2004, p. 50). Com essa narrativa, ela está transgredindo a expectativa de sinceridade quando se retrata o pacto do gênero autobiográfico, com isso, essa fantasia que existe no bicho que eu tive, uma representação de sua experiência quando criança, ela traz a verossimelhança da infância.

Abordar o tema diversidades a partir da Literatura tem se tornado um importante instrumento no contexto escolar, pois ela de certa forma deu continuidade ao trabalho de Monteiro Lobato.

4.1.1 Memória: A Importância Das Imagens Na Literatura Infantojuvenil

A leitura tem um papel muito importante na Educação e na formação dos seres humanos de todas as idades, proporcionando um desenvolvimento de sua personalidade, seu senso crítico, criatividade e interpretação, como também os livros tem o papel de estimular a imaginação, a criatividade e o gosto pela leitura. Assim sendo, não basta que ele tenha apenas uma boa história, é preciso que seja voltado para seu público alvo de acordo com qualidades estéticas e criativas que lhes chamem a atenção e os motivem a mergulhar no mundo da leitura.

As imagens nos livros infantis têm um caráter muito importante dentro da Literatura Infantil, segundo Ramos (2020), a imagem define o caminho da leitura, estimula a imaginação e fantasia do leitor, tendo a ilustração um fator primordial para a formação de novos leitores, visto que o público-alvo desse gênero literário e que estão em construção de valores culturais.

A imaginação é parte essencial no aprendizado da leitura, pois, adquire uma função de suma importância na conduta e no desenvolvimento humano, ampliando a experiência do homem. Assim, quando as pessoas imaginam alguma coisa que não viram, somente baseando-se em relatos e descrições alheias, sem ter ao menos experimentado diretamente, sai do estreito círculo de sua própria experiência, expandindo-se para muito além de seus limites e com a ajuda da imaginação assimila experiências históricas e sociais. (SILVA, 2004, p 9)

Essa relação entre o texto e a imagem que encontramos nas obras infantis, contribui no enfrentamento dos desafios que a criança vai encontrar no decorrer de sua vida, como também na criatividade da imaginação aguçando suas narrativas visuais, a arte da ilustração é a representação da realidade, onde o desenho, o símbolo, substituem seres, coisas, sentimentos ou ações. Sendo necessário a existência desses símbolos representando a realidade para a criança “todos necessitamos da simbolização do real para nos desenvolvermos, e o mundo da infância está repleto de signos e símbolos que sustentam a existência adulta, daí a importância que os livros ilustrados adquirem ao mostrar como esses símbolos podem ser representados.” (RAMOS, 2020, p. 16) e muitas vezes as imagens que o leitor vê quando pequeno, ele leva para sua vida adulta como algo que o marcou muito.

As imagens têm o seu valor indissociável para uma boa interpretação do texto visual, visto que a ilustração descreve o que está sendo narrado, com a intensidade e a representação mais próxima do real, possibilitando um enriquecimento imaginário do pequeno leitor, fazendo com que ele identifique os sentimentos que o desenho está passando naquela história. De acordo com Ramos (2020), a criança gosta de fazer parte desse jogo entre letras e desenhos, visto que apenas a escrita conduz a criança ao cansaço antes mesmo do final da obra, visto que as imagens são complementos para a compreensão do texto e um descanso na leitura.

Foi no século XIX, segundo Oliveira (2008), que a ilustração de livro para crianças se individualizou como arte, período este em que começa valorizar a linguagem visual, um período essencial para fortalecer o saber e o surgimento de novas linguagens. Contudo, a ilustração também vem sofrendo suas evoluções, hoje a criança além de ver, pode também tocar, sentir e até cheirar a imagem e ter a representação ainda mais próxima da realidade em determinadas situações por meio de imagens bidimensional, “vem sendo muito usado na produção de livros infantis como forma de atrair as crianças mais jovens.” (RAMOS, 2018, p.25), principalmente no estágio de leitura onde a linguagem corporal se destaca, concretizando o que está sendo lido, o que também trabalha algumas situações sobre problemas familiares, sociais e diversidades, levando o leitor alcançar a capacidade de se emocionar e refletir o que o ilustrador está narrando.

“É preciso ressaltar: quando se fala em imagem no caso do livro infantil contemporâneo, ela não se resume apenas às ilustrações. Está relacionada à definição de um projeto gráfico que estabelecerá os tipos de letras a serem usados, o tamanho, o espaçamento e o entrelinhamento delas; definirá ainda o ritmo do texto nas páginas, o que sugerirá o andamento da leitura; pensará a forma de integração entre o texto e as ilustrações; escolherá o tipo de papel que servirá de

suporte e os recursos técnicos a serem utilizados na mecânica do livro.” (RAMOS, 2020,p.30)

A ilustração de um livro infantil estabelece uma relação de percepção da mensagem, provocando uma maior necessidade de interpretação, sendo uma deslumbrante experiência que o livro infantil traz ao leitor, a partir do momento que o pequeno leitor tem contato com a imagem e imagina, avalia, pensa no que está sendo narrado por meio da ilustração, fazendo relação à escrita. Ramos (2020), aponta que pode ser um déficit na formação do leitor quando ele olha o desenho e não consegue interpretar e compreender a imagem, visto que faz parte do processo, do estágio da leitura. Ela ressalva que isso também é ocasionado por não termos o hábito de narrar aquilo que vemos, como também a ausência dessas percepções no ambiente escolar, onde a habilidade de ler e compreender imagens pode ser adquirida e cultivada, uma importante alfabetização visual.

Quando a ilustração está cumprindo o papel com a linguagem visual, Ramos (2020), ela se torna um importante auxiliar nesse processo de formação do leitor, como também aproxima mais ainda o leitor à obra, mas é preciso que o mediador também tenha esse conhecimento e reconhecimento da importância da ilustração como Ramos traz quando diz “ajudará muito se aqueles que fazem a intermediação entre a criança e o livro forem capazes de compreender o que as narrativas visuais estão a contar” (2020, p.41), visto que as crianças aprendem de forma rápida a linguagem das imagens, pois elas ainda estão em desenvolvimento das sensações, interpretações.

O livro que é direcionado ao público infantil e juvenil, ele traz algo a mais do que está escrito, como também apresentar diversas formas da escrita em diferentes tipos de letras usadas nas gravuras, a tipografia “Por exemplo, em uma carta da personagem Charlô para Felpo, a letra aproxima-se da forma manuscrita. Já uma receita de bolinhos de chocolate está escrita com uma tipologia bastante apropriada para uma mensagem de caráter utilitário.” (Ramos, 2009,p. 42).

Pela conversa entre o texto e a imagem, tem-se um aprendizado mais acessível podendo assimilar o mundo em imagens, tendo as ilustrações como a arte de ensinar, haja vista que desde o início da criação dos livros ilustrados, segundo Ramos (2020), tinha objetivo de levar a compreensão ao leitor mesmo que ele não fosse alfabetizado, auxiliava na percepção e atrair o leitor para o entendimento da representação e mesmo as crianças de hoje ainda preferem começar a ler pelas imagens.

Ressaltando a importância das ilustrações na Literatura Infantojuvenil, apresentando o papel muito importante na Educação e formação dos seres humanos de

todas as idades proporcionando um desenvolvimento de sua personalidade, seu senso crítico, criatividade e interpretação, os livros tem o papel de estimular a imaginação, a criatividade e o gosto pela leitura. Assim sendo, não basta que ele tenha apenas uma boa história é preciso que ele seja voltado para seu público alvo de acordo com qualidades estéticas e criativas que lhes chamem a atenção e os motivem a mergulhar no mundo da leitura.

Em se tratando de imagens dentro de um livro voltado para crianças, misturando assim textos e imagens, serão analisadas as cores, formas, texturas e a diagramação, uma vez que o objetivo da ilustração é fazer a combinação da escrita com a imagem de forma harmoniosa, contextualizada e com boa legibilidade ilustrado por Gê Orthof.

Orthof tem seus textos e desenhos significativamente no tratamento com o leitor, estabelecendo uma comunicação direta, uma autora criativa em seus livros para crianças, e tem seu filho Gê Orthof como seu ilustrador e parceiro em muitos de seus trabalhos. Seus desenhos são sempre despojados, livres e essenciais, alcançam a compreensão do pequeno leitor, outras obras eram ilustradas por ela mesma e até pelo seu segundo marido Tato, Ramos (2020), Sylvia sempre traz leveza, prazer e ludicidade “em Sylvia, a proposta é a do prazer, do lúdico, sem cair no risco de querer levar o pequeno leitor a acreditar em qualquer coisa mais séria. A única intenção da narrativa verbovisual parece ser a de leva-lo- a uma imagem amalucada” (2020, p. 67), já desde a capa, Sylvia capta o leitor por se expressar de forma direta. Assim, Sylvia e seu filho conquistaram vários prêmios literários por ter desenvoltura nas imagens quanto a narrativa, onde texto e imagem poderiam ser compreendidos separadamente e sendo ainda mais rico com a leitura em conjunto.

Segundo Ramos (2020), as obras ilustradas por Sylvia tem um caráter único e especial, parece que o livro acabou de sair das mãos de uma criança, com traços leves, espontâneos, sempre pesquisa sobre os personagens, dá devida importância e significado em cada um deles desde as roupas até as cores e formas, em alguns de seus livros, são esses detalhes que diferenciam das ilustrações de seu filho Gê Orthof, ela sempre investe em recursos visuais em seus livros, trabalhando a arte visual, o mundo da imaginação, e carregados de si, ela insere suas memórias, suas experiências se autoficcionalando em suas escritas. De acordo com Ramos, a narrativa visual de suas obras tem uma abordagem inovadora carregada de humor.

Considerando esses aspectos, a ilustração de Os bichos, embora divertidas e coloridas de Gê Orthof, tivera quase nenhuma integração com o texto, pois em suas setenta e quatro páginas, os desenhos se encontram nas páginas ímpares sendo as pares com

textos e quando não, eles apareciam nas duas páginas juntas, sempre separadas da escrita. “a posição dos personagens nas páginas contribui para a leitura da história. Imagens em página par tendem a ter menor importância que aquelas situadas em página ímpar.” (RAMOS, 2020, p. 146)

Além desses fatores, segundo Ramos (2020), temos também o uso das cores, que não são utilizadas aleatoriamente e sim intencionalmente, haja vista que seu público é o pequeno leitor, “a imagem torna-se mais rica quando explora as potencialidades expressivas de linha, cor, forma, criando ritmos visuais” (p.146), um dos fatores importantes é a percepção das cores presentes nas obras, que são influenciadas pela idade, lembrando então do estágio do leitor, uma vez que biologicamente elas sofrem mudanças na visão durante seu crescimento, quando bebês elas preferem as mais fortes como vermelho, verde e amarelo, ainda de acordo com a autora, o azul vai ganhando sua preferência conforme vai subindo a escala de preferência, de acordo com a idade do indivíduo “as cores sugerem estados de ânimo. As quentes tendem ao dinamismo, ao agitado e também ao nervoso. Já as frias expressam sentimentos mais calmos, algo mais plácido.” (Ramos, 2020 p. 147)

Para corroborar com essa análise, Biazetto (2008), diz que as cores contribuem para uma ilustração que desperte o leitor, o faz ter emoção, alegria e se comunique com o livro.

“A cor é o elemento visual com o maior grau de sensualidade e emoção do processo visual. Nenhum outro atrai com tanta intensidade quanto a cor. É possível elaborar um grande número de relacionamentos entre a cor e outros elementos, alcançando significados bastante diversos. Podemos também alcançar uma ampla variedade de significados por meio de combinações entre cores. As associações de cores quentes e frias, de cores complementares, saturadas e dessaturadas, cores primárias e secundárias etc.” (BIAZETTO, 2008, p 77)

Tendo em vista os aspectos observados na obra de Sylvia Orthof durante a análise, fora constatada a presença de imagens com esses aspectos citados, como as cores brilhantes no verde, amarelo e azul. Assim como a predominância dessas cores na capa, utilizando o amarelo verde e vermelho em sua margem, enquanto o azul está centralizado.

Biazetto (2008), lembra que as cores são utilizadas a partir do texto visto que a ilustração de um livro infantil não é uma imagem isolada, ela deve sempre estar vinculada a uma história. Hoje os livros infantis conseguem dar ao leitor a sensação de estar tocando cheirando e até ouvindo o que as ilustrações trazem para o leitor, Ramos traz um exemplo disso no livro Carvoeirinhos, “Em Carvoeirinhos, uma das páginas duplas foi elaborada como metáfora sinestésica, de modo a propor uma existência tátil e visual com o fogo”. (2020, p.77), onde as crianças conseguem ter um olhar semiótico do livro, assim como

outras obras com o chamado “poema visual”.

No processo da ilustração, como e estão inseridas as palavras, imagens e o *design* das páginas, dão sentido maior no que o autor está narrando no livro infantojuvenil, estilo que encontra apenas nesse gênero, uma articulação que se utiliza cada vez mais nas obras contemporâneas da Literatura para crianças, tendo ,uma interação entre palavras e imagens muito significativas, ter a imagem como essencial na obra, entende-se que teve ali uma interação entre o verbal e o visual, quando um depende do outro para ter a melhor compreensão, diferente daqueles que apenas tem o desenho para decorar as páginas.

As ilustrações alcançam a sinestesia, a forma que ela conversa com o texto acaba provocando outros sentidos além da visão, tendo também a transmissão de valores por meio de imagens, de acordo com Ramos (2020), com as ilustrações, o livro adquire sentido mais intrincado, visto que as ilustrações e as palavras dialogam. Ramos traz sobre a ilustração a função, a como a reiteração, principal que elas têm na narrativa, uma vez que

Em se tratando de imagens dentro de um livro voltado para crianças, misturando assim textos e imagens, fora analisado as cores, formas, texturas e a diagramação, uma vez que o objetivo da ilustração é fazer a combinação da escrita com a imagem de forma harmoniosa, contextualizada e com boa legibilidade.

4.2 INTERFACES DO ENSINO DA LITERATURA EM CONSONÂNCIA COM A BNCC COM A DIVERSIDADE

O currículo da Educação Básica vem sofrendo delongas transformações, especialmente, no que se refere ao ensino de Literatura, tendo seu percurso curricular até o presente momento, uma vez que a Literatura era porposta por uma concepção estruturalista, apresentando um caráter utilitário e tecnicista, assim afirma Silva (2019), que foi por meio da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692/71, que houve mudanças em relação a essa estruturação. Já em 1996, foi promulgada a nova versão da LDB (9.394/96), a ideia de Educação universal, como direito de todo cidadão, porém, a visão como mercado de trabalho permaneceu como sua principal vertente, enquanto o ensino da Literatura era ainda utilitária, usada como embasamento para outros conteúdos, principalmente a gramática normativa, não tendo a formação do leitor como o principal objetivo.

É nesse momento que surgiram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e, com eles, a noção de gêneros textuais e junto delas, algumas evoluções em valorização

da Literatura oral, com novo olhar em formar leitores. Assim, abordar a diversidade, conforme as orientações do PCNs (2007), pode ser inserido em textos literários, promovendo a pluralidade e apresentando de forma respeitosa, lúdica, com caráter interdisciplinar, valorizando os saberes e vivências culturais, e apropriar-se de conhecimentos e experiências, possibilitando entender as relações próprias do mundo social, com liberdade, autonomia.

No que diz respeito às Leis Diretrizes Brasileiras (LDB), um de seus princípios da Educação Básica é além da garantia do conhecimento científico, sendo preciso também promover a criticidade do cidadão em formação e possibilitar o reconhecimento à diversidade como inerente à condição humana, com isso, as orientações em relação a Literatura em sala de aula sofreram novas alterações, especialmente com o advento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Por conseguinte, em 2018, foi homologada a Base Nacional Comum Curricular seguindo a tendência dos PCNs, um novo documento de caráter normativo recentemente discutido e implantado na Educação, mostrando como deve ser trabalhado esse aspecto em sala de aula para formação do aluno, onde se encontra em uma das competências, competências que se vinculam ao processo de ensino, valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao seu projeto de vida pessoal, profissional e social, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade, perceber o diferente e entender que ele é so diferente, não é melhor e nem pior, porém, de acordo com Mendes (2020), o contexto em que se deu a homologação da Base foi em meio a conflitos na política nacional, na nova presidência, reforma do Ensino Médio e o descaso com a Educação.

Nesse viés, a Literatura é trabalhada promovendo o contato com diversas manifestações artísticas, com objetivo de alcançar a formação leitora, tendo aluno capaz de apreciar, fruir e compreender plenamente as obras literárias. Nesse sentido, nota-se que a diversidade está sendo abordada com mais ênfase, diante das propostas da BNCC, se estruturando nas questões voltadas para a valorização e utilização de recursos sociais, culturais, especialmente digitais, e está presente nas competências da Educação Básica, voltada para os estudantes terem contato com obras literárias de diversas regiões e diversas culturas:

A formação desse leitor-fruidor exige o desenvolvimento de habilidades, a vivência de experiências significativas e aprendizagens que, por um lado, permitam a

compreensão dos modos de produção, circulação e recepção das obras e produções culturais e o desvelamento dos interesses e dos conflitos que permeiam suas condições de produção e, por outro lado, garantam a análise dos recursos linguísticos e semióticos necessária à elaboração da experiência estética pretendida. (BRASIL, 2018, p. 157).

Nesse sentido, propõe que o aluno seja capaz de interagir com as obras, capaz de questionar e encontrando respostas ao longo da leitura, assim tendo o leitor-fruidor. A BNCC também dialoga e atualiza os marcos reguladores do ensino de Literatura, assim, na Literatura Infantojuvenil é estabelecido cinco campos de experiências pela Base, prevalecendo os direitos de aprendizagem e o desenvolvimento individual do aluno, se destacando nos campos escuta, fala, pensamento e imaginação, oferecendo contato com diferentes gêneros textuais dentro de cada etapa da infância, proporcionando o pensamento crítico, o desenvolvimento intelectual, cultural e de suas habilidades socioemocionais, afim de promover a empatia de seus leitores e o respeito à diversidades.

Nesse cenário, a Literatura Infantojuvenil, em sua funcionalidade social, busca facilitar a compreensão acerca das vivências, levando questionamentos e reflexão por meio da lucidez, da leitura, da imaginação e da fantasia, onde o leitor se identifica e se sente valorizado, permitindo uma nova visão do outro e de si, como a construção das representações sociais que estão contidas nas narrativas, uma vez que a diversidade está cada vez mais presente no ambiente escolar, espaço onde as crianças têm mais acesso à Literatura.

Contudo, a criança, sendo um sujeito em formação, quando tem contato com a leitura e desenvolve a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa, estando em constante sintonia com o meio social, sua relação com as diferenças culturais, sociais e étnico-culturais é mais agradável no meio em que vive, tendo assim a Literatura como relevância para sua formação como cidadão. Nessa perspectiva, Silva (2019), chama atenção para a Literatura carregada de estereótipos que inferioriza uma raça, uma vez que deixará ideia de racismo em sua memória, podendo ser resgatada no contexto em que vive, visto que a Literatura Infantojuvenil desperta conceitos para a formação de sua identidade.

Assim, o ambiente escolar pode ser visto como um centro de informação e formação do aluno no processo de aprendizagem preparando-o para a sociedade com valores e cidadania, sendo importante habilitar atitudes reflexivas e críticas sobre a realidade e a humanidade, valorizando os aspectos afetivos, familiares, sociais, éticos e políticos para uma formação integral, apresentando versatilidade e ensinando o aluno a conviver com a diversidade, trabalhando os conflitos emocionais da criança, tendo a Literatura

Infantojuvenil como uma função humanizadora.

Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da Literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BRASIL, 2018, p. 138).

Em contrapartida, Mendes (2020), levanta uma crítica em relação a Base, visto que a participação da sociedade na construção da BNCC teve uma falsa participação popular, tendo as contribuições totalmente ignoradas, estabelecendo um caráter de obrigatoriedade no seu referencial para ambas as redes educacionais, públicas e privadas, sem respeitar a equidade, uma vez que existe uma disparidade nesses dois setores da Educação.

4.3 UMA SOCIEDADE PLURAL VAI ALÉM DO RECONHECIMENTO DAS DIFERENÇAS.

Para Freitas (2012), há diversas formas de comportamentos, crenças, elo familiar, experiências de vidas, assim tendo a diversidade como algo muito desafiador, uma vez que não se pode confundir diversidade com desigualdade, “já que a primeira diz respeito à qualidade de organizar-se de forma particular, e a segunda, às mazelas produzidas por uma sociedade desigual. (2012, p. 28).

Nessa perspectiva, a Educação é multicultural, visto que ela abriga múltiplas culturas em seu espaço, permitindo que a diversidade esteja presente no ensino educacional, construindo como princípio o respeito às diferenças. Uma luta diária de vencer a Educação monocultural, aquela conservadora, onde existe uma ideia de cultura universal, “ou seja, as diferenças eram tratadas como inerentes aos próprios grupos” (2012, p. 84). O que antes ainda não falava em multiculturalismo, mas que hoje ela está sendo um ponto muito debatido e umas das exigências nas políticas educacionais.

Na Educação, essa é uma questão que se faz presente de todas as formas: de um lado, porque todas as lutas pela emancipação dos setores desfavorecidos da população refletem na escola; de outro, porque ela é também o espaço onde as contradições são vivenciadas pelas famílias, pelo corpo docente, pela direção e pela equipe pedagógica. (FREITAS, 2012, p. 93)

O grande desafio de uma Educação multiculturalista é fazer com que todos entendam e compreendam que quando se fala em igualdade é no sentido do direito de ser diferente e ser tratado com respeito e dignidade, tendo o cuidado em não propagar o preconceito, visto que o espaço escolar é um lugar onde essas manifestações sociais se manifestam e é um lugar privilegiado para a desconstrução da Educação monoculturalista.

A escola e, conseqüentemente, a Educação, como espaço em que as contradições sociais se manifestam, converte-se em um dos cenários do multiculturalismo. A presença das múltiplas culturas não é uma invenção escolar, mas a convivência entre as múltiplas culturas existentes no ambiente escolar é fator importante no contexto que estamos tratando. Essa convivência é resultado das interações humanas, seja por processos de colonização, migração, exôdos, guerras etc. (FREITAS, 2012, p. 90)

Com relação a Educação multiculturalista, aquela que traz o respeito com a convivência com as diferenças, conseqüentemente temos a interculturalista, uma vez que é a interação entre o convívio entre as diferentes culturas, uma importante conquista social no que tange as políticas públicas em excluir a forma de preconceitos. Reconhecer as diferenças é essencial, mas interagir com as diferentes culturas é primordial.

4.3.1 A Leitura E As Relações Étnico-Raciais

Sabemos que, mesmo em pleno século XXI, é possível observar, de forma aterrorizante, a desvalorização cultural quanto a discriminação. Questões e aspectos negativos relacionados a diversidades e gêneros estão presentes em todos os espaços da sociedade pois, infelizmente, ainda existem situações que há uma omissão dessa diversidade, uma vez que atrapalha sua valorização, visto que a partir do momento que se exclui a diversidade, acaba impedindo um avanço da própria sociedade.

Diante de um país que fora totalmente mesclado, miscigenado, existe um desafio muito grande nesse entendimento para o reconhecimento da diversidade cultural presente em nosso país que são os negros, índios, mulheres, homossexuais, deficientes, onde há militâncias por seus direitos, um tanto separados e sendo excludentes para o que rege o direito de todos perante a sociedade.

É inegável que a discriminação se faz presente, onde é preciso passar por uma revolução dos valores, deixando de ser uma sociedade orientada para as coisas e passar a ser orientada para as pessoas, mas é notório que essa revolução de valores não acontece porque existe uma negatividade muito grande quanto a existência e permanência do racismo.

De acordo Hooks (2013), ainda que estejamos no século XXI, há pessoas que

acreditam, pelo senso comum, que quem defende a diversidade cultural são aqueles que querem substituir uma ditadura do conhecimento por outro, caracterizando uma ideia mais equivocada da diversidade cultural. Assim, em leitura de Mendes (2018), um momento que permanece com o ato de servir, pois mesmo que o trabalho escravo tenha sido banido no Brasil e em quase todos os países do mundo, ele continua a atingir muitas pessoas, principalmente as que vivem em situação de pobreza e miséria, conhecida como escravidão moderna assistida no modo capitalista de produção, outrossim, de um elitismo que culmina na discriminação daquelas pessoas marginalizadas e em um racismo estrutural, ou seja, racismo velado e indireto, sendo exteriorizado por meio de dados socioeconômicos e a ausência de negros universitários.

É um tipo de racismo que vem se propagando desde a abolição da escravidão, que deu a liberdade por direito aos negros escravizados, mas não deu suporte educacional, econômico e de assistência básica para que aquela população pudesse organizar a sua vida, permitindo que a escravidão tenha outra roupagem, segundo a longa metragem de “quanto vale ou é por quilo” de Bianchi, se vale da ironia para demonstrar de como o negro é tratado dentro da sociedade, um tratamento manipulador e mascarado, tendo sua participação histórica oculta e valendo-se dos interesses para construção de um país.

Conforme Hooks (2013), a desigualdade social e o preconceito racial é uma característica marcante no Brasil e com um rico diálogo com o passado, construída uma ponte entre os dois tempos, tendo o obscuro do preconceito, historicamente construído, cheio de estereótipo que perduram a séculos.

De acordo com Munanga (2013), é de suma importância o conhecimento e o respeito das diversidades para obter uma formação verdadeira de democracia, inserindo a Educação multicultural e o ensino antirracista no processo de cidadania, a fim de contribuir para a construção de uma cultura de paz.

Discutindo a temática dentro do contexto do ensino num mundo multicultural, a autora Hooks (2013) acentua que apesar do multiculturalismo presente na sociedade e com ênfase na Educação, há uma lacuna no que tange prática e discussões de como a sala de aula pode ser um ambiente de transformação com um aprendizado de inclusão. Por esse viés, ela faz uma apelo onde o ensino deve mudar, a postura de cada professor diante ao multiculturalismo também, sendo importante adentrar no campo da leitura como o processo para essa atividade temática, como leitura lúdica tanto como leitura interpretativa.

No que se refere a identidade hoje, Stuart Hall (1932-2014), apresenta algumas questões de identidade cultura na modernidade, e avaliar se existe uma crise de identidade,

propondo novas reflexões sobre o assunto, assim, há ideia que ela é algo que se constrói ao longo do tempo, em questões sociais, o que gosta, roupa que veste, e leva em consideração a questão de identidade com o que aparenta e com a personalidade, mas por outro lado, é abordado nessa obra o conceito de identidade que foi se construindo ao longo do século.

Para tornar um processo de reconhecimento de identidade dentro da sociedade, fora iniciado no mês do dia internacional da mulher, a fim de levar a ideia de Hall (1932-2014), onde as mulheres não desempenham as mesmas funções do passado e é nesse momento que acontecem as trocas culturais e onde os indivíduos começam a se questionar sua etnia, sua cultura. Mesmo sabendo que não são seres isolados no mundo, há diversas influências ao redor, como cultural quanto familiar, um mundo cercado de relacionamentos sociais, ideias e diversas coisas que constrói a identidade, e comparando com antigamente, as pessoas tinham uma determinada profissão e assim viviam a vida inteira.

Diante disso, é possível compreender o processo de construção de preconceito e de discriminação dentro da sociedade brasileira, sendo viável trabalhar essa temática dentro do ambiente escolar, buscando uma Educação libertadora, uma vez que não existe Educação com política neutra, é preciso levar a criticidade para a sala de aula e criar uma academia culturalmente diversa.

Esse processo de construção de identidades pode ser trabalhada dentro da Literatura Infantojuvenil, os trabalhos realizados a partir da Literatura para crianças podem contribuir de maneira direta no processo de construção das identidades, considerando a influência social na formação das crianças, ressalta assim, a importância da obra literária como um importante instrumento para romper com esses paradigmas e preconceito. Em conformidade com Abramowicz et al (2010), quando compreendemos a infância como uma construção cultural e socialmente produzida, é inadmissível desconsiderar os efeitos do racismo, visto que o racismo aparece já na creche.

Ao trazerem temáticas ainda pouco introduzidas no contexto literário infantil e infanto-juvenil e que dizem respeito às diferenças os autores optam por falar do lugar da dor, da dúvida, da não aceitação ou da indiferença diante das diferenças, mesmo que lancem um olhar positivo para o sujeito que as possui. De fato, sabemos o quanto nossa sociedade é preconceituosa e etnocêntrica, e o mundo da ficção não poderia deixar de pontuar isso, por mais que a literatura nos dê a liberdade de criar, sonhar, inverter e subverter ordens e ordenamentos. Os autores e autoras são sujeitos sociais, envolvidos em relações sociais nas quais vivenciam o seu cotidiano. (MARTINS; GOMES, 2010 p 150)

Em 2003, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) sofreu uma alteração tornando obrigatório o ensino de História e cultura africana e afro-brasileira em todas as

unidades educativas, considerada uma conquista que eleva a importância de trabalhar as relações étnico-raciais que possa envolver uma mudança de postura desde os anos iniciais do Ensino Básico, assim como os temas transversais.

Falar sobre diversidade e gênero em um país onde sua maior riqueza está na mistura de cultura, crenças, comidas, raças e outros, deveria ser muito mais amistoso, assim como ensinar as crianças que elas fazem parte dessa diversidade trazendo temáticas que as fazem construir opiniões e argumentos, e não deveria ser visto como tabús em certos temas abordados, pois é preciso desconstruir para construir novos conceitos dentro de cada identidade.

4.4 O CAMINHO ÁRDUO DA EDUCAÇÃO PARA A RUPTURA DA ALIENAÇÃO

Muito se tem discutido, recentemente, nas pesquisas e formações, sobre a Educação, sendo importante reconhecer seus fatores relevantes ao longo de toda sua história, assim é válido ressaltar os grandes pensadores e filósofos que contribuíram para significantes transformações no âmbito educacional, e passar pelo caminho de como a questão da Educação é resgatada na teoria sociológica clássica e em algumas abordagens teóricas contemporâneas.

Referindo-se a diferentes perspectivas teóricas, há algumas reflexões sobre uma teoria da Educação, com grandes pensadores do século XIX e do século XX, assim fica possível compreender o fenômeno da Educação com ênfase no papel e função na ordem social, determinando as relações entre a Educação e os processos de socialização, à construção do ser social por intermédio dos processos pedagógicos bem como a influência da Educação nos movimentos de racionalização da sociedade na atualidade.

Nesse sentido, Paulo Freire (apud GADOTTI, 2003), faz uma crítica sobre os modelos de Educação tradicionais tendo como característica, que até hoje se faz presente na história, como a relação entre aluno e professor, onde o professor é o centro do processo de ensino, vem com tudo pronto e o aluno é o que está ali para obedecer e acatar as determinações do professor, assim como também é o conteúdo, ensino erudito. Assim como Comênio (apud GADOTTI, 2003), defende que o conhecimento deve ser adquirido por meio de sentidos e não somente ouvir, é enxergar, falar, tocar, ter a prática e experiência.

Acreditava-se que a gerações adultas devem passar seu conhecimento às gerações mais novas, ou seja, a concepção de infância não existe, a criança é tratada como

miniadulto, já nasce inserido em uma classe social, filho do camponês, será camponês, assim como o filho do nobre, será nobre desde a infância, sem a preocupação com a essência de ser criança, nem preocupações pedagógicas que vai fazer da criança um ser com suas necessidades cognitivas, éticas, humanas que devem ser assimilado, se preocupando apenas em inserir no contexto das relações sociais e econômicas do período.

Com isso, pode-se dizer que na Idade Média, não se tem uma concepção de criança fundamentada, e sim como miniadulto, um ser que nasce inserido num contexto, outro momento é que os tempos modernos inauguram no ocidente uma nova forma de pensar, muito parecida com os gregos antigos, como as transformações no campo da economia, política, descobertas científicas, para fazer com que a humanidade se preocupa com a Educação, vale ressaltar dois grandes marcos nesse período, como a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, também conhecidas como Revoluções Burguesas, que vão inaugurar a idade contemporânea, responsáveis por transformações na Educação que vale ressaltar.

A fim de compreender como esses acontecimentos podem estar caracterizados como o marco nesse período, vale ressaltar a primeira revolução industrial, que aconteceu na Inglaterra, uma mudança na forma de produzir. Antes da Revolução Industrial, tudo o que era produzido, era feito da força de trabalho humano, e com a proliferação das máquinas e da indústria, tem a produção mais acelerada, a vista urbana se modifica radicalmente, tem a migração das pessoas que viviam no campo para a cidade que começam a ganhar mais vida, tendo um cenário diferente da idade média, onde o campo predominava, agora a cidade está transformando a relação de trabalho e humanas.

A primeira relação é a diferença gritante na forma de trabalho, poucos que são os donos das máquinas e das indústrias, os burgueses, a burguesia os donos do bem e meio de produção, agora tem se a grande massa de proletariados, uma divisão na sociedade da burguesia e proletariados, assim como na Educação. Importante lembrar que, nessa divisão entre burguesia e proletariado, os filhos dos proletariados não estarão na escola e sim completando a renda familiar, fazendo o trabalho que obriga a ser mais um na família a lutar pela sobrevivência, o que fora um momento de decisão da sociedade, sociedade capitalista que assim trouxe dois grupos antagônicos, e com isso dois modelos diferentes de Educação.

Nesse sentido, a burguesia forma a elite intelectual, enquanto a classe trabalhadora terá a formação de pessoas técnicas que conheçam a industrialização das máquinas, obtendo assim uma divisão na sociedade trabalhadores e intelectuais, futuros condutores

da nação e os braçais, o que acontece até hoje com a desigualdade social, mesmo na fase pandêmica em que se encontra o mundo, onde só os que têm acesso ao recurso tecnológico alcançará o verdadeiro estudo, uma nova roupagem dessa desigualdade dentro de um contexto moderno tecnológico em que a Educação se encontra.

Enquanto a revolução Francesa (GADOTTI,2003), trouxe um fim e com isso os iluministas tiveram um grande espaço, século chamado das luzes, voltado para questão da racionalidade, até então, a igreja exercia um poder muito grande sobre a Educação assim com o governo. Os iluministas queriam libertar a Educação da opressão dos monarcas e do clero, pois havia um controle sobre a Educação e nesse sentido ele buscava a democracia, e quando fazia esse desligamento dela com a igreja, iniciou os princípios da Educação laica. Com tudo, vale destacar que o Iluminismo é um movimento da elite burguesa, queria tirar o poder do clero da igreja e trazer para aquele grupo seletivo que tinha mais condições, mas que já buscava algo diferente na Educação.

Após esse período, houve um destaque muito grande para os renomados filósofos a fim de desconstruir conceitos equivocados e construir a Educação crítica e social, como o filósofo Rousseau (apud GADOTTI, 2003), que propôs uma Educação inovadora procurando incentivar a expressão naturais das crianças, em vez de reprimí-las, como em sua obra Emílio, inspirada no homem natural, uma pedagogia que segue a natureza, pois acreditavam que a criança nascia pura, boa, mas as coisas que elas viviam, a sociedade a fazia mal e ruim e que transformava o sujeito.

Enquanto GADOTTI (2003), desenvolveu uma proposta educacional crítica e uma compreensão dos parâmetros mais significativos da modernidade naturalmente sobre a ótica da filosofia e da Educação supõe o entendimento dos significado comum que se pode encontrar nos grandes projetos de renovação que acontecera no século XVII e XVIII. Assim como Descarte (apud GADOTTI, 2003), um dos filósofos mais importantes da modernidade, tendo seu método muito importante nos dias de hoje e utilizado de alguma forma, como também tiveram nomes como as principais linhas epistemológicas contemporâneas, alguns conhecidos como críticos, outros radicais.

Em todos os períodos da história da humanidade, desde sua colonização, o processo educacional esteve relacionado à necessidade social, instrumentalizado pelo sistema econômico. Mas mesmo nos tempos modernos é possível ver todo esse processo, podendo considerar o quão importante ele se fez presente para a Educação de hoje para que continue construindo, pois segundo Piaget, o conhecimento científico é provisório, jamais finalizado.

Seguindo essa linha de que o processo é contínuo e não acabado, é possível ver que a Educação nas escolas do mundo moderno traz as modificações dos métodos e conteúdo de ensino ao longo do tempo, abrangendo diferentes períodos. Jean Piaget (1959), foi inspiração para muitos modelos de aprendizagem que existem atualmente em relação de como as crianças constroem o conhecimento, levando em consideração aspectos cognitivos, morais, sociais, afetivos e linguísticos da aprendizagem, fundando aquilo que chamou de epistemologia genética.

Hoje se fala muito em aluno protagonista e com isso a escola tem o aluno como um importante elemento de transformação social, estimulando a criança a buscar o conhecimento, se tornando pesquisador, e o professor como mediador, tirando aquele equívoco de ser o mestre, o dono do saber e o aluno o que obedece.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se a leitura uma ferramenta imprescindível para a formação da criança, tornando-a crítica, com capacidade de argumentar, questionar, refletir e ter a liberdade de imaginar. Em linhas gerais, fazemos parte de uma população que não tem o hábito de leitura, uma vez que, a mediação não acontece desde a primeira infância, e também por não respeitar o estágio de leitura como uma função formadora do ensino da Literatura. E como foi notado, a Literatura Infantojuvenil é recente e antes tínhamos a Literatura com finalidades educacionais, mas logo tivemos autores que fugiram dos padrões pedagógicos, como a autora pesquisada Sylvia Orthof, que trouxe uma nova roupagem à Literatura para crianças, tornando a leitura um ato formador, trazendo informações relevantes, situações reais, e diverte as crianças transformando-as em leitoras.

Visto sua importância desde a Educação básica, foi inevitável traçar o panorama da arte, reconhecendo seu significado na construção social, iniciando com seu vasto conceito desde os anos primitivos até o tempo de hoje relacionando-se com a Literatura, visto que sua matéria-prima é a palavra, sendo necessário apresentar da subjetividade da Educação literária na Educação Infantojuvenil, tendo como ênfase descobrir os principais valores por meio de obras literárias nas diversas fases do desenvolvimento da criança.

Levando em consideração esses aspectos, é preciso oferecer uma boa formação das crianças desde a Educação Infantil, uma vez que a mediação literária é um grande marco para alcançar a formação integral do leitor, alcançando a criticidade, a liberdade e o conhecimento além do que está escrito, é a leitura de mudo à leitura da palavra.

Leitura, leitor e autor é um triângulo amoroso do mundo das letras, onde o leitor conhece o autor por meio de suas marcas linguísticas e suas histórias escritas por ele, o autor dedica seu tempo, sua imaginação e sua inspiração a alguém que ele não conhece e a leitura passa a ser um passaporte para qualquer lugar do mundo. E falar sobre diversidade e gênero em um país onde sua maior riqueza está na mistura de cultura, crenças, comidas, raças e outros, deveria ser muito mais amistoso, e ensinar as crianças que elas fazem parte dessa diversidade trazendo temáticas que as fazem construir opiniões e argumentos, não deveria ser visto como tabús em certos temas abordados, pois é preciso desconstruir para construir novos conceitos dentro de cada identidade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997
- _____, Anete; MORUZZI, Andrea Braga. **O plural da infância: aportes da sociologia**. 2011.
- ADORNO, Theodor W. **Teoria da semiformação. Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas: Autores Associados, p. 7-40, 2010.
- ALBERGARIA, Lino de. **Do folhetim à literatura infantil: leitor, memória e identidade**. Belo Horizonte: Lê, 1996
- BORELLI, Silvia Helena Simões et al. **Ação, suspense, emoção: uma antropologia das culturas contemporâneas**. 1995.
- BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende. Explorando a literatura no ensino fundamental, p. 69-88, 2010.
- BUORO, Anamelia Bueno. O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2000
- BUSS-SIMÃO, Márcia. Antropologia da Criança: uma revisão da literatura de um campo em construção. Revista Teias, v.10, n.20, julho de 2009
- SILVA, Bertolina Maria Ribeiro. **Literatura de massa: desfazendo preconceitos**. 2004.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro, 2011.
- _____. **A literatura e a formação do homem**. *Ciência e cultura* (São Paulo), v. 24, n.9, p. 806-9, set. 1972.
- CARLETO, Eliana Aparecida et al. **Literatura infantil como experiência de formação: um estudo com obras de Ruth Rocha**. 2014.
- CHAUÍ, Marilena. **O universo das artes**. In: *Cadernos de formação: Artes*. São Paulo: Unesp, 2004.
- _____. **Convite à filosofia**. Ática, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- Cohn, Clarice C629a **Antropologia da criança** / Clarice Cohn. -- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005
- CORSARO, Willian A. **A estrutura da Infância e as noções interpretativas de crianças**.

In: CORSARO, Willian A. Sociologia da Infância. Porto Alegre: ARTMED, 2011. p. 41-56.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CRUVINEL, L. W. F.. **A literatura juvenil e a formação do homem**. In: **III Seminário de Pesquisa da UEG** - Itapuranga, 2006, Itapuranga. III Seminário de Pesquisa da UEG. Itapuranga, 2006..

DA ROSA, Luciane Oliveira et al. Mediação literária: experiências sensíveis na Educação Infantil *In* : SILVA, Maurício et al.(org.). **Literatura, linguagem e ensino: novos olhares, outros caminhos**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. Cortez Editora, 2018.

DE OLIVEIRA, Ana Arlinda. O professor como mediador das leituras literárias. Coleção Explorando o Ensino, p. 41, 2010.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1994

FERRAREZI, Celso Junior de. Alunos e leitores: o ensino da leitura na educação básica, Parábola, 2017.

FREITAS, Áurea da Silva et al. **A representação da diversidade na literatura infantil**.

FRIEDMANN, Adriana. **O que é infância?** PÁTIO – Educação Infantil. Ano II, n. 6, p. 10-13, dez. 2004/mar. 2005.

FRITZEN, Celdon et al. **O gênero autobiográfico e a representação da infância na literatura: Minha vida de menina, Infância, e Os bichos que tive**. Caderno de Letras, Pelotas, v. 14, p. 33-41, 2008.

FROES, LAIS. **As teias leitoras: crianças e professores**. Disponível em: <https://blog.ataba.com.br/teias-leitoras/>

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

GOMBRICH, Ernst Hans; TORROELLA, Rafael Santos; SETÓ, Javier. **Historia del arte**. Edição 16. New York: Phaidon, 1994.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HESSEL, Carolina, ROSA, Fabiano, KARNOPP, Lodenir. **Cinderela Surda**. Canoas: Ulbra, 2003

HOLANDA, Lourival. **A linguagem da história: outra travessia**, n. 2, p. 79-85, 2004

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologia: O novo ritmo da informação**. 8ª edição- Campinas, SP; Papirus, 2012. p. 15 a 26.

LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil**. Ed..rev.-São Paulo: Editora Unesp, 2019.

_____. Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: uma nova/outra história**. PUCPress, 2017.

LEMOS, Gláucia dos Santos. **A constituição do jogo dramático infantil em Eu chovo, tu choves, ele chove...**, de Sylvia Orthof. 2014.

LEITE, Sheila Mariane Bispo. **Literatura infantil: enfim a diversidade?** 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A mulher que matou os peixes**. Rio de Janeiro: Rocco: 1999.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **Educação, leitura e literatura: diálogos possíveis**. **COLEÇÃO EXPLORANDO O ENSINO**, p. 9, 2010.

MAFRA, Nubio Delanne Ferraz. **A Literatura de massa como iniciação à literatura adolescente**. Contexto & Educação, Ijuí, n.45, p.68-93, jan./mar. 1997

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. A educação especial no Brasil: da exclusão à inclusão escolar. **Universidade Estadual de Campinas. Unicamp**, v. 25, 2002

MARTINS, Ana Amélia Lage. **Mediação: reflexões no campo da Ciência da Informação**. 2010. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2010. Disponível em:
<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br>

MARTINS, Aracy Alves; GOMES, Nilma Lino. Literatura infantil/juvenil e diversidade: a produção literária atual. **PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. Literatura: ensino fundamental**. Brasília: MEC, 2010.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 1979.

MENDES, Ana Paula Leão. **Controle social e mediação étnico-sociais em Quanto vale ou é Por quilo?** Revista Educação e Cultura Contemporânea, v.15, n40, 2018.

MUNANGA, Kabengele. **A questão da diversidade e da política de reconhecimento das diferenças**. Revista Crítica e Sociedade, v. 4, n. 1, p. 34-45, 2014.

PIAGET, J. **A Linguagem e o Pensamento da Criança**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959

OLIVEIRA, Ieda de et al. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. São Paulo: DCL, p. 13-47, 2008.

ORTHOF, Sylvia. **Os bichos que tive: memórias zoológicas**. São Paulo: Moderna, 2004.

_____. DE ASSIS VIANA, Vivina. Livro aberto: **confissões de uma inventadeira de palco e escrita**. Atual Editora, 1996.

PAVIANI, Jayme. **Estética mínima: notas sobre arte e literatura**. EDIPUCRS, 2003.

PINTO, Thiago Pedro. **Isto é (ou não é) um cachimbo?**. Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v. 11, n. 3, p. 183-205, 2018.

PIRES, Flávia. **O que as crianças podem fazer pela antropologia?**. Horizontes Antropológicos, v. 16, n. 34, p. 137-157, 2010.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. 15ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2001.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis-caminhos para ler o texto visual**. Autêntica, 2018.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Sociologia da Infância: correntes e confluências**. 201

SILVA, Bertolina Maria Ribeiro. **Literatura de massa: desfazendo preconceitos**. 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1991.

VALENTE, José Armando. **As tecnologias digitais e os diferentes letramentos**. Pátio, Porto Alegre, 2007.

VERCELLI, Ligia de Carvalho Abões. **Estudos da infância no Brasil: encontros e memórias**, de Anete Abramowicz (Org.). São Carlos: EduFSCar, 2015, 195 p. Linhas Críticas, v. 22, n. 48, p. 498-502, 2016.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**. 11ed. Ver., atual, e ampla – São Paulo: Global, 2003